

ARAUTOS DO EVANGELHO

Nº 278 - Fevereiro 2025

*Conversão,
um apelo ainda atual?*



Acesse já
e inscreva-se!

CURSO ONLINE

CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA

INÍCIO DAS INSCRIÇÕES
3 DE FEVEREIRO

INÍCIO DAS AULAS
25 DE FEVEREIRO

SOLENE CONSAGRAÇÃO
29 DE MARÇO

Por meio de um curso on-line totalmente gratuito, você poderá experimentar os encantos de ter por amiga a Mãe de Deus!

Os Arautos do Evangelho se dedicam a levar até você a oportunidade de conhecer o **método de consagração de São Luís Grignion de Montfort**, pelo qual nos tornamos escravos de amor a Jesus Cristo pelas mãos de Maria. Não existe meio mais seguro de se chegar ao Coração do Filho do que guiados pelas mãos da Mãe!

Ministrado com muita didática pelo Pe. Ricardo José Basso, EP, o curso consta de 27 aulas, ao término das quais se realizará a solene cerimônia de consagração. Cada aula aborda certo número de tópicos do *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, com um conteúdo que nos ajuda a aprofundar no conhecimento e no amor a Nossa Senhora.

Participe conosco! **Já são mais de um milhão de pessoas**, dos mais diferentes lugares, unidas no mesmo propósito de conhecer Maria Santíssima e se consagrar a Ela como escravos de amor.



ARAUTOS DO EVANGELHO

Ano XXIV, nº 278, Fevereiro 2025

ISSN 1982-3193

Revista de cultura e inspiração católica publicada por:
Associação Brasileira Arautos do Evangelho
CNPJ: 03.988.329/0001-09
www.arautos.org.br

Diretor Responsável:
Mario Luiz Valerio Kühl

Conselho de Redação:
Severiano Antonio de Oliveira;
Silvia Gabriela Panez;
Marcos Aurelio Chacaliza C.

Administração
Rua Diogo de Brito, 41
02460-110 - São Paulo - SP
admrevista@arautos.org.br

ASSINATURA E
ATENDIMENTO AO ASSINANTE:
(11) 2971-9050
(NOS DIAS ÚTEIS, DE 8 ÀS 17:00H)

Assinatura e Participação

Assinante (anual): R\$ 285,00 únicos

Participante (por tempo indeterminado):
Colaborador..... R\$ 40,00 mensais
Benefitário..... R\$ 50,00 mensais
Grande Beneficiário R\$ 60,00 mensais

Exemplar avulso R\$ 24,00

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redação. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.

Impressão e acabamento:
Plural Indústria Gráfica Ltda.

Av. Marcos Penteado de Ulhoa Rodrigues, 700
06543-001 - Santana de Parnaíba - SP

SUMÁRIO

⇒ PERGUNTAM OS LEITORES	4
⇒ EDITORIAL	
O Reino dos Céus está próximo!	5
⇒ A VOZ DOS PAPAS	
Um apelo divino silenciado	6
⇒ A LITURGIA DOMINICAL	
O olhar da fé e a via dolorosa	8
A humanidade fracassou porque trabalhou sem Deus	9
Confiar em Deus ou confiar no homem?	10
Perdoar é coisa de gigante	11
⇒ TESOUROS DE MONS. JOÃO	
Conversão: uma iniciativa de Deus	12
⇒ TEMA DO MÊS – GRANDES CONVERSÕES	
<i>Teodoro Ratisbonne, um autêntico filho de Israel – Da sinagoga à Igreja Católica</i>	16
<i>Roy Schoeman, desvelar progressivo da Fé – Perseguido por Deus, chamado por Maria</i>	20
⇒ SÃO TOMÁS ENSINA	
Ninguém pode reparar-se por si mesmo	23
⇒ UM PROFETA PARA OS NOSSOS DIAS	
Em batalha pelas almas	24
⇒ Jacques Fesch: do crime para o Céu – Uma nova criação!	28
⇒ O QUE DIZ O CATECISMO?	
Eu também preciso me converter?!	31
⇒ Não seja louco!	32
⇒ VIDA DOS SANTOS	
<i>Sete Santos Fundadores da Ordem dos Servitas – Uma árvore robusta e frondosa</i>	34
⇒ DONA LUCILIA – LUZES DE UMA MATERNAL INTERCESSÃO	
Dona Lucilia está realmente ao meu lado!	38
⇒ ARAUTOS NO MUNDO	42
⇒ HISTÓRIA, MESTRA DA VIDA	
Os verdadeiros conquistadores	46
⇒ VOCÊ SABIA...	49
⇒ TENDÊNCIAS E MENTALIDADES	
Duas formas de “ser deus”?	50



Reprodução

9 Como ter êxito em nossos empreendimentos?



Reprodução

12 A graça pode, num instante, reerguer a humanidade



Arquivo Revista

24 Como se dá a conversão à Contra-Revolução?



Stefano Gavilanes

32 Sabedoria da cruz: remédio para a loucura do pecado

Envie suas perguntas para o Pe. Ricardo, pelo e-mail:
perguntamosleitores@arautos.org



✉ Pe. Ricardo José Basso, EP

Perder tempo é pecado contra qual Mandamento?

Catarina de Assis Fonseca – Recife

Nossa consulente já dá por certo que perder tempo é pecado... e tem toda a razão! Agora, para tudo ficar bem claro, a primeira questão seria: o que é perder tempo?

Causa muita preocupação hoje em dia, e com todo o propósito, o desperdício da água ou dos alimentos, mas cuida-se menos do esbanjamento do tempo, outra preciosíssima criatura de Deus, da qual teremos de Lhe prestar sérias contas. Entretanto, o motivo pelo qual o desperdício de qualquer bem que nos foi dado pelo Criador constitui uma falta é o mesmo: não utilizá-lo de acordo com a boa ordem das coisas, mas de maneira insensata, caprichosa, irracional. Ora, uma das definições de pecado consiste exatamente em agir de modo contrário à reta razão.

Assim, passar horas em navegações inúteis na internet, por exemplo, assistindo a vídeos que nenhum proveito nos trarão, enquanto temos inúmeros outros deveres, constitui realmente um pecado de perda de tempo.

Como todo pecado, perder tempo é contrário ao Primeiro Mandamento pois, em vez de amar a Deus sobre todas as coisas e agir de acordo com Ele, damos prioridade à satisfação de um capricho pessoal. Mas, conforme cada caso concreto, essa falta pode ofender também outros Mandamentos: o Quarto, se perdemos tempo quando seria nossa obrigação exercer algum dever de estado – por exemplo, a educação e cuidado dos filhos, no caso dos pais – ou quando o filho menor dissipar seu tempo contrariando uma proibição expressa do pai ou da mãe; o Sétimo, se nos ocupamos em diversões nas horas de trabalho, em vez de executar o serviço pelo qual recebemos o salário; o Sexto e o Nono, se perdemos tempo vendendo algo contrário à castidade ou nos colocando em ocasião próxima de fazê-lo; o Quinto, se com essa atitude insensata escandalizamos os outros, e assim por diante.

Sejamos, pois, muito sérios no uso desta preciosa criatura de Deus, que “foge irreparavelmente” (Virgílio. *Geórgicas*. L.III, 284).

Por que os Arautos usam botas?

José Leite Filho – Belo Horizonte

Por muitas razões... Em primeiro lugar, porque elas destacam o caráter missionário da vida dos Arautos, os quais estão dispostos a percorrer qualquer distância para evangelizar.

Consideremos, entretanto, um simbolismo mais profundo e de caráter sobrenatural, bem indicado pelas palavras das Sagradas Escrituras: “Porei inimizades entre ti e a Mulher, entre a tua raça e a d’Ela; esta te esmagará a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3, 15). Nosso fundador, Mons. João Scognamiglio Clá Dias, sempre se encantou com este trecho do Gênesis, chamado de Protoevangelho

por conter uma verdadeira profecia de toda a História da salvação, em função de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Nossa Senhora.

Explicava ele que todos os filhos e escravos de amor de Maria Santíssima devem estar em constante luta contra a Serpente, vigilantes para não cair nas suas armadilhas e ser feridos por ela. E este caráter militante de nossa luta na terra – tão presente no carisma dos Arautos pela nota de disciplina que Mons. João imprimiu em sua obra –, é muito adequadamente expresso por belas e fortes botas.

O REINO DOS CÉUS

ESTÁ PRÓXIMO!

Quando se fala de conversão é comum vir à mente personagens antigos como Paulo de Tarso, Madalena e Agostinho, todos eles Santos e convertidos após incursões nos abismos do pecado. Quanto à natureza da conversão, muito já se comentou a propósito do vocábulo *metanoia*, que significa mudança de mentalidade.

No entanto, seria uma miopia intelectual circunscrever a conversão a esses casos individuais e temporais, bem como a uma superficial “reforma mental”, prometida em atacado por charlatães de ontem e de hoje. A conversão é a própria essência da missão de Nosso Senhor Jesus Cristo, o qual Se denominou “Caminho” (Jo 14, 6) para o Pai.

A Escritura Sagrada prodigaliza metáforas para ilustrar a conversão: trata-se de uma transição das trevas à luz (cf. At 26, 18), da vida segundo a carne àquela segundo o espírito (cf. Gal 6, 8), um segundo nascimento (cf. Jo 3, 6), a passagem de um estado de morte para a vida (cf. Jo 5, 21-29). Trata-se, em suma, do despojamento do “homem velho” para se revestir do novo (cf. Col 3, 9-10).

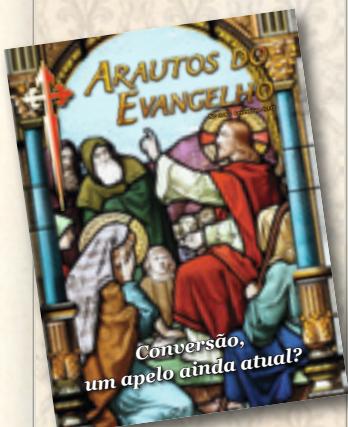
A conversão faz parte da missão da Igreja de evangelizar não apenas indivíduos, mas também grandes conjuntos de pessoas. Já no Antigo Testamento, Jonas converte a cidade de Nínive por sua pregação (cf. Jn 3, 4-10). E nas primícias da Igreja Apostólica, o número de conversos se elevou a cinco mil, contando apenas os homens (cf. At 4, 4).

Mais tarde, milhares de súditos se converteram após o Batismo do Rei Clóvis no Natal de 496. Cem anos depois, o Papa São Gregório Magno enviava à então inexpugnável Britânia – César já a tentara subjugar com seis mil soldados... – quarenta monges sob a égide de Santo Agostinho de Cantuária. Logo o monarca Etelberto se converteu e, em seguida, todo o reino. O que fora impossível para seis legiões romanas, se realizou com a denominada “missão gregoriana”...

Podemos ainda mencionar o grande peso que teve Carlos Magno para a conversão dos povos eslavos, a começar pela Morávia; e citar a conversão de albigenses por São Domingos, de calvinistas por São Francisco de Sales, de luteranos por São Pedro Canísio, de milhares de hindus por São Francisco Xavier, de inumeráveis índios... pela própria Nossa Senhora, sob a invocação de Guadalupe. Recordemos também o caso de Ruanda que, após a Primeira Guerra Mundial, passou de quinze mil católicos a quinhentos e cinquenta mil em apenas vinte e cinco anos, graças ao apostolado dos Missionários da África, os chamados “Padres Brancos”.

Mais ainda, é patente que os apelos de Nossa Senhora em Fátima apontam para uma conversão universal. Mas quando isso se dará? Devemos desejar com todas as veras da alma que seja hoje mesmo! Com efeito, Santo Agostinho teria afirmado certa vez, sobre o tempo da conversão: “*Si aliquando, cur non modo?* – Se em algum dia, por que não já?”

De fato, tanto João Batista quanto o próprio Cristo, após convocar para a mencionada metanoia, completam: “O Reino dos Céus está próximo” (Mt 3, 2; 4, 17). E com essas mesmas palavras Jesus convocou os Apóstolos a se dirigirem às ovelhas perdidas da casa de Israel (cf. Mt 10, 6-7). Ora, se hoje a grei está cada vez mais transviada do caminho, mais atual do que nunca é proclamar aos quatro cantos: “O Reino dos Céus está próximo”! ♦



Pregação de Jesus e conversão de Santa Maria Madalena - Igreja da Madalena, Angers (França)

Foto: João Paulo Rodrigues



Um apelo divino silenciado

Como afirmava o Papa João Paulo II, hoje o apelo à conversão é posto em discussão ou facilmente deixado no silêncio. Vê-se nele um ato de “proselitismo”; diz-se que basta ajudar os homens a tornarem-se mais fiéis à própria religião. Esquece-se, porém, que toda pessoa tem o direito de ouvir a Boa-Nova de Cristo.

IMPELIDOS A SOCORRER OS IRMÃOS AFASTADOS DA FÉ

Existe acaso dever maior e mais urgente do que anunciar “as inescrutáveis riquezas de Cristo” (Ef 3, 8) aos homens do nosso tempo? E haverá coisa mais nobre do que desfraldar o estandarte real diante desses que têm seguido ou seguem bandeiras falazes e conquistar para o glorioso vexilo da cruz aqueles que dele desertaram? Que coração se não deveria abrásar e sentir-se impelido a socorrer tantos irmãos e irmãs que, devido a erros e paixões, incitamentos e prejuízos, se afastaram da fé no Deus verdadeiro?

Excerto de: PIO XII.
Summi pontificatus, 20/10/1939

TEM MAIS NECESSIDADE DE NOSSA AJUDA QUEQUE DESCONHECE DEUS

Quem terá mais necessidade da nossa ajuda fraterna do que aquele que desconhece Deus, estando à mercê das mais desenfreadas paixões e sob a dura tirania do demônio? Por isso, todos aqueles que contribuem – segundo as próprias forças – para os iluminar, sobretudo ajudando a obra dos missionários, prestam a Deus o teste-

munho mais agradável da sua gratidão por lhes ter dado o dom da fé.

Excerto de: BENTO XV.
Maximum illud, 30/11/1919

ILUMINAR AS ALMAS COM A LUZ DE CRISTO: A MAIS PERFEITA CARIDADE

Se Cristo pôs como nota característica de seus discípulos o amor mútuo (cf. Jo 13, 35; 15, 12), que maior ou mais perfeita caridade podemos mostrar a nossos irmãos do que procurar tirá-los das trevas da superstição e iluminá-los com a verdadeira Fé de Jesus Cristo? Este benefício, não duvideis, supera as demais obras e demonstrações de caridade tanto quanto sobrepuja a alma ao corpo, o Céu à terra, o eterno ao temporal.

Excerto de: PIO XI.
Rerum Ecclesiae, 28/2/1926

“EVANGELIZAR OS POBRES”: A MAIOR ESMOLA

Sem dúvida a esmola pela qual aliviamos as necessidades dos pobres é altamente encomiada pelo Senhor. Contudo, quem poderá negar que muito maior encômio merecem o zelo e a fatiga despendidos, não mais em favor

de passageiras vantagens para o corpo, mas do bem eterno das almas, por meio da instrução e da exortação? Em verdade, nada é mais desejado e grato a Jesus Cristo, Salvador das almas, que pelos lábios de Isaías afirmou de Si mesmo: “Fui enviado para evangelizar os pobres” (Lc 4, 18).

Excerto de: SÃO PIO X.
Acerbo nimis, 15/4/1905

NÃO HÁ VERDADEIRA EVANGELIZAÇÃO SEM CONVERSÃO

Evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa-Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade: “Eis que faço de novo todas as coisas” (Ap 21, 5). No entanto, não haverá humanidade nova se não houver em primeiro lugar homens novos, pela novidade do Batismo e da vida segundo o Evangelho.

A finalidade da evangelização, portanto, é precisamente esta mudança interior; e, se fosse necessário traduzir isso em breves termos, o mais exato seria dizer que a Igreja evangeliza quando, unicamente firmada na potência divina

da mensagem que proclama, ela procura converter ao mesmo tempo a consciência pessoal e coletiva dos homens, a atividade em que eles se aplicam, e a vida e o meio concreto que lhes são próprios.

Excerto de: SÃO PAULO VI.
Evangelii nuntiandi, 8/12/1975

O APELO À CONVERSÃO TEM SIDO SILENCIADO

Hoje o apelo à conversão, que os missionários dirigem aos não cristãos, é posto em discussão ou facilmente deixado no silêncio. Vê-se nele um ato de “proselitismo”; diz-se que basta ajudar os homens a tornarem-se mais homens ou mais fiéis à própria religião, que basta construir comunidades capazes de trabalharem pela justiça, pela liberdade, pela paz e pela solidariedade. Esquece-se, porém, que toda pessoa tem o direito de ouvir a Boa-Nova de Deus que se revela e se dá em Cristo.

Excerto de: SÃO JOÃO PAULO II.
Redemptoris missio, 7/12/1990

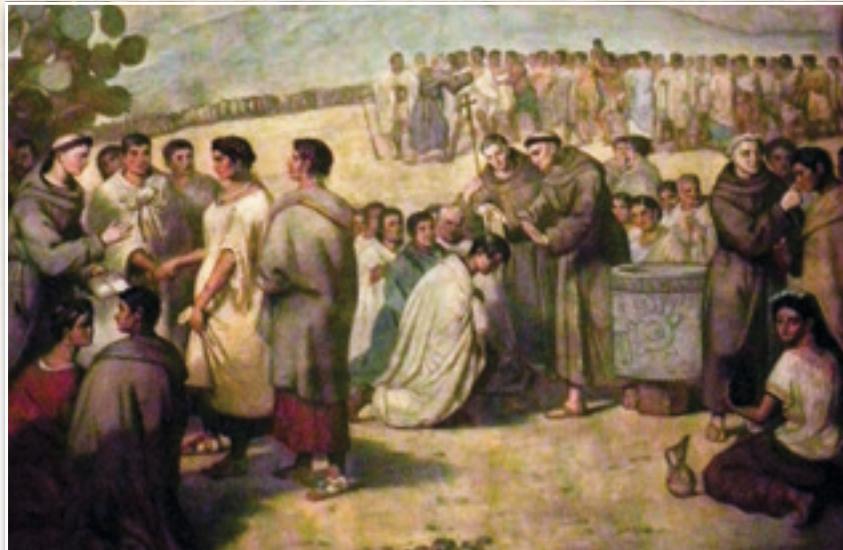
O DEVER DA EVANGELIZAÇÃO É ORDEM DE CRISTO

Se a Igreja, como dizíamos, tem consciência do que o Senhor quer que ela seja, surge nela uma plenitude única e a necessidade de efusão, adverte claramente uma missão que a transcende e um anúncio que deve espalhar. É o dever da evangelização, é o mandato missionário, é o dever de apostolado. [...] Dever seu, inerente ao patrimônio recebido de Cristo, é também a difusão, a oferta, o anúncio: “Ide, pois, ensinar todos os povos” (Mt 28, 19). Foi a última ordem de Cristo aos seus Apóstolos.

Excertos de: SÃO PAULO VI.
Ecclesiam suam, 6/8/1964

A IGREJA NASCEU PARA TORNAR OS HOMENS PARTÍCIPES DA REDENÇÃO

A Igreja nasceu para tornar todos os homens participantes da Redenção



Francisco Lecaros

A Igreja nasceu para tornar todos os homens participantes da Redenção salvadora, dilatando pelo mundo o Reino de Cristo

“Conversão dos índios”, por Felipe Gutiérrez -
Antiga Basílica de Guadalupe, Cidade do México

salvadora e, por eles, ordenar efetivamente a Cristo o universo inteiro, dilatando pelo mundo o seu Reino para glória de Deus Pai. Toda a atividade do Corpo Místico que a este fim se oriente, chama-se apostolado. A Igreja exerce-o de diversas maneiras, por meio de todos os seus membros, já que a vocação cristã é também, por sua própria natureza, vocação ao apostolado. [...]

A todos os fiéis incumbe, portanto, o glorioso encargo de trabalhar para que a mensagem divina da salvação seja conhecida e recebida por todos os homens em toda a terra.

Excertos de: SÃO PAULO VI.
Apostolicam actuositatem, decreto do
Concílio Vaticano II, 18/11/1965

A MISSÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA DURARÁ ATÉ O FIM DOS TEMPOS

Jesus ressuscitado confia aos Apóstolos a missão de “fazer discípulos” todos os povos, ensinando-os a observar tudo aquilo que Ele mandou. Deste modo é solenemente confiada à Igreja, comunidade dos discípulos do Senhor crucificado e ressuscitado, a tarefa de

pregar o Evangelho a todas as criaturas; uma tarefa que durará até ao fim dos tempos. A partir daquele instante inicial, já não é possível imaginar a Igreja sem tal missão evangelizadora.

Excerto de: SÃO JOÃO PAULO II.
Pastores gregis, 16/10/2003

FALTA COM GRAVE OBRIGAÇÃO O PASTOR QUE NÃO ATRAI A CRISTO AS OVELHAS AFASTADAS

A Igreja não tem outra razão de ser que a de fazer todos os homens participes da Redenção salvadora, por meio da dilatação do Reino de Cristo por todo o mundo. Donde se vê que quem, pela graça divina, faz no mundo as vezes de Cristo, Príncipe dos Pastores, não só não deve contentar-se em defender e conservar a grei do Senhor a ele já confiada, mas que faltaria a uma de suas mais graves obrigações se não procurasse, com todo o empenho, ganhar e atrair a Cristo as ovelhas que ainda se encontram afastadas d’Ele.

Excerto de: PIO XI.
Rerum Ecclesiæ, 28/2/1926



O olhar da fé e a via dolorosa

✉ Pe. Carlos Javier Werner Benjumea, EP



Simeão foi inspirado pelo Espírito Santo para discernir a grandeza do Casal que entrava no Templo com um Menino radiante, antevendo profeticamente a via de dor e glória que haveriam de palmarilhar

As obras de Deus são grandiosas e proclamam sua glória. Contudo, o homem medíocre não percebe atrás dessas maravilhas os dedos de artista do Senhor do Céu e da terra, que plasmaram todos os seres à imagem de sua sublime bondade. A criação vela um mistério que só o olhar iluminado pela fé é capaz de entrever.

Assim era o olhar de Simeão, feito para elevar-se aos mais altos píncaros da contemplação. Seu coração varonil e inocente, dócil à inspiração do Espírito Santo, intuiu ser vontade divina que ele se dirigisse ao Templo e lá, em meio à multidão de devotos, foi capaz de discernir a providencialidade de um jovem Casal e, sobretudo, a missão do Infante que vinha embalado nos braços da mais graciosa das mães. O que vislumbrou ele no pequeno Jesus e em sua Mãe?

Simeão era “justo e piedoso, e esperava a consolação do povo de Israel” (Lc 2, 25); portanto, sua primeira intuição foi a de estar diante d’Aquele que resgataria o povo de seus pecados, como ele mesmo afirmaria em seu inspirado cântico: “Meus olhos viram a tua salvação” (Lc 2, 30). Havia ele encontrado o Messias antes de fechar os olhos para esta vida, conforme o Espírito Santo lhe confidenciara no mais íntimo do coração (cf. Lc 2, 26).

Longe do perfil adocicado com que uma falsa piedade apresenta Nosso Senhor, a percepção de Simeão foi profética até o último ponto. O Messias seria “causa tanto de queda como de reerguimen-

to para muitos em Israel”, um autêntico “sinal de contradição” a fim de que fossem descobertos “os pensamentos de muitos corações” (Lc 2, 34-35).

Tratava-se, portanto, de um divisor de águas que desmascararia os falsos bons, os quais haviam transformado a verdadeira Religião num instrumento para a própria vangloria e lucro desonesto. Ele ergueria os pecadores contritos e os inocentes, e humilharia os que pretendiam ostentar uma influência imerecida.

Para isso, porém, teria de padecer muito. Embora

Simeão não o afirmasse com todas as letras, a profecia sobre o futuro sofrimento de Nossa Senhora deixa claro que a missão messiânica passaria por um lancinante sacrifício, o qual repercutiria no Coração de Maria como uma espada de dor (cf. Lc 2, 35). A via do Redentor, e também a da Corredentora a Ele indissociavelmente unida, seria coalhada de lutas e coroada por um dramático holocausto.

Também nós somos chamados a seguir Nosso Senhor e sua Mãe Santíssima, percorrendo a estrada do sofrimento e do combate. Estamos dispostos a encetar essa via de dor e glória? Certamente não nos faltarão consolações e auxílios divinos, mas é preciso ver de frente essa perspectiva, ajoelhar-se e suplicar graças abundantes para culminarmos nossa luta com a galhardia de São Paulo: “Combatí o bom combate, percorri a minha estrada, guardei a fé: agora dai-me o prêmio da vossa glória” (cf. II Tim 4, 7-8). ♣



“Apresentação do Menino Jesus no Templo”,
por Álvaro Pires - Metropolitan Museum of Art,
Nova York

A humanidade fracassou porque trabalhou sem Deus



✠ Pe. Alex Barbosa de Brito, EP

Omundo, com todas as suas instituições, parece estar dominado pelo mal – chamado de *Revolução* por Dr. Plínio Corrêa de Oliveira – e segue por caminhos sinuosos, “progredindo incessantemente para seu trágico fim”.¹ Mas o bem, ou seja, a Contra-Revolução é invencível, pois conta com um dinamismo incalculável, “certamente superior ao da Revolução”: a graça.

Por isso, “quando os homens resolvem cooperar com a graça de Deus, são as maravilhas da História que assim se operam”. E o fruto desta cooperação consiste nas “grandes ressurreições de alma de que os povos são também suscetíveis. Ressurreições invencíveis, porque não há o que derrote um povo virtuoso e que verdadeiramente ame a Deus”.²

Por essa razão, prestemos atenção na Liturgia deste domingo.

Isaías, em sua visão, recebe a revelação de que o manto do Senhor se estende pelo Templo, o qual fica repleto com o incenso e o clamor das vozes (cf. Is 6, 1-4). Ora, não há lugar onde o Senhor não esteja presente. O salmista, que canta a ação de graças do povo retornado do exílio, suplica que Deus complete a obra começada e reconhece não ser possível operar sem Ele, pois tudo é fruto de suas mãos (cf. Sl 137).

São Paulo declara sua indignidade – nem merece “o nome de Apóstolo” –, mas afirma sem vaidade que trabalhou mais do que todos os outros, “não propriamente eu”, diz ele, “mas a graça de Deus comigo” (I Cor 15, 9-10).

Andreas F. Borchert (CC by-sa 4.0)



Pesca milagrosa - Catedral de São Quíliano, Cobh (Irlanda)

Por fim no Evangelho, diante de duas barcas paradas às margens do lago, Jesus desafia e ordena que seus discípulos avancem para águas mais profundas. Pedro reconhece o fracasso de uma noite inteira de esforços – “Trabalhamos a noite inteira e nada pescamos” –, mas intui que o fracasso bem pode ser o ponto de partida para o sucesso, quando se resolve cooperar com a graça: “Em atenção à tua palavra, vou lançar as redes” (Lc 5, 5). E o milagre aconteceu.

Não sem razão, comentou Dr. Plínio: “Quando o tormento ou a tormenta tenha chegado ao auge, é hora de preparar o incenso e todo o necessário para cantar o *Magnificat*. Porque, quando o sofrimento chegar ao auge, Nossa Senhora intervirá e nos salvará”³.

Assim, os homens devem reconhecer que não é possível atuar sem Deus e que nada, absolutamente nada de bom e de verdadeiro – em qualquer campo da atividade humana – pode ser feito sem o auxílio da graça.

“A minha alma engrandece o Senhor!” (Lc 1, 46), cantou a Virgem Maria. “Engrandecer” é reconhecer a necessidade de recorrer a Deus em todos os atos de nossas vidas. Eis o ensinamento de Nossa Senhora para a humanidade fracassada pelo pecado original. ♣

“Quando os homens resolvem cooperar com a graça de Deus, são as maravilhas da História que assim se operam”, pois “não há o que derrote um povo virtuoso e que verdadeiramente ame a Deus”

¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Revolução e Contra Revolução*. 9.ed. São Paulo: Arautos do Evangelho, 2024, p.36.

² Idem, p.188.

³ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 3/1/1967.



Confiar em Deus ou confiar no homem?

✠ Pe. Steven Schmieder, EP



Procurar em Deus o auxílio para vencer as batalhas da vida espiritual é a única garantia de vitória numa guerra em que a incapacidade humana se mostra a cada passo

A Liturgia deste domingo assemelha-se a uma espada de dois gumes. A primeira leitura, tirada do Livro do profeta Jeremias é de uma clareza cortante: “Maldito o homem que confia no homem” e “Bendito o homem que confia no Senhor”. Trata-se de uma maldição e uma bênção que nos acompanham ao longo desta vida e se fixam para sempre ao transpor o limiar da eternidade. Mas em que consiste essa confiança em si mesmo ou em Deus?

O Pe. Lorenzo Scupoli, relevante autor do século XVI, escreveu uma obra intitulada *Combate espiritual* – que se tornou referência em assuntos de vida interior para São Francisco de Sales –, na qual versa sobre esse tema de forma luminosa. Segundo esse sacerdote, desconfiar de si e confiar em Deus é chave para obter a vitória na árdua peleja do progresso espiritual:



São Pedro é salvo das águas, por Lluís Borrassà - Igreja de São Pedro, Terrassa (Espanha)

Reprodução

“Assim como de nós, que nada somos, não se pode esperar senão quedas, pelo que devemos sempre desconfiar de nossas forças, em contrapartida devemos sempre confiar no socorro e assistência divina para obter grandes vitórias sobre nossos inimigos; e assim o faremos se estivermos perfeitamente convencidos da nossa fraqueza e com o coração cheio de uma viva e generosa confiança na infinita bondade”¹.

É mister depositarmos em Deus nossa confiança plena pois, como afirma o profeta, quem espera no Senhor assemelha-se à “árvore plantada junto às águas” que não teme a seca; enquanto quem confia em si mesmo verá seu coração se afastar do Senhor, com as fatais consequências *post mortem* que isso pode acarretar.

No Evangelho deste domingo, São Lucas nos introduz ainda mais nesta verdade. Dos lábios infinitamente sábios de Nossa Senhor, ouvimos com pormenor bem-aventuranças e lamentações que devem marcar a fogo nossa vida de católicos empenhados na maior glória de Deus e movidos pelo desejo de conquistar a coroa imperecível da felicidade eterna.

Com efeito, os que confiam em si mesmos tornam-se insaciáveis dos bens econômicos, das diversões e prazeres, da fartura e da fama. O dinheiro transforma-se num ídolo; os deleites, no pagamento de uma vida sem sentido; e o ser bem-visto, numa coroa passageira... Ai dos que assim vivem, longe de Deus e aprisionados no egoísmo!

Pelo contrário, os que confiam em Deus têm n'Ele e no seu amor o único prêmio. Por isso, menosprezam o ouro e a prata, renunciam aos deleites ilícitos da carne e estão dispostos a ser caluniados e perseguidos, se a fidelidade a Deus assim o exigir. A força que lhes vem do Alto faz desprezíveis e minúsculas todas essas coisas pois, parafraseando a grande Santa Teresa, Deus, e só Deus, lhes basta! ♣

¹ SCUPOLI, Lorenzo. *Combate espiritual*. 2.ed. São Paulo: Cultor de Livros, 2021, p.19.

Perdoar é coisa de gigante



✉ Pe. François Bandet, EP

O Evangelho de hoje, a ser lido em paralelo com o de São Mateus (cf. Mt 5, 38-48), nos convida a termos alma de gigante e a sermos magnânimos;¹ a amarmos os inimigos e a fazermos o bem aos que nos odeiam, abençoando os que nos amaldiçoam e rezando pelos que nos caluniam (cf. Lc 6, 27-28).

Santo Agostinho² afirma ser maior obra fazer do ímpio um justo, que criar o céu e a terra, pois tanto para criar quanto para perdoar é necessário poder igual, mas perdoar exige maior misericórdia. E São Tomás de Aquino³ afirma ser o perdão a máxima manifestação da onipotência divina.

Assim, no deserto de Zif, Davi teve nas mãos seu maior inimigo e perseguidor, o Rei Saul. Entretanto, mesmo sabendo que Deus o havia entregado em seu poder, não quis estender as mãos contra o ungido do Senhor (cf. I Sm 26, 23), ensinando que perdoar é próprio aos grandes!

Mais tarde, o rei-profeta haveria de cantar que o “Senhor é bondoso e compassivo” (cf. Sl 102, 8), mostrando que perdoar significa esquecer, curar e dar vida nova. O perdão, portanto, nos faz participar da própria onipotência de Deus, que não “nos trata como exigem nossas faltas”, mas “afasta para longe nossos crimes” (cf. Sl 102, 10.12).

Mas a escola de Jesus vai além. Com autoridade de Supremo Legislador, Ele admoesta: “Sede misericordiosos, como também o vosso Pai é misericordioso. Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados. Dai e vos será dado” (Lc 6, 36-38). E São Paulo convida os de Corinto a serem um espelho de Jesus pois, “como já refletimos a imagem do homem terrestre, assim também refletiremos a imagem do homem celeste” (I Cor 15, 49).

Cabe ressaltar, porém, que perdoar não significa condescender com o mal. O perdão tem uma condição: o arrependimento. No capítulo 18 do Evangelho de São Mateus, Nosso Senhor estabelece o

roteiro da correção fraterna, pois misericórdia sem justiça é cumplicidade e convivência com o demônio, o mundo e a carne.

Por fim resta-nos recordar que, em Maria Imaculada, Deus antecipou o perdão, ao isentá-La da culpa original. Na Santíssima Virgem, exclama São Lourenço de Bríndisi, o Senhor “fez maravilhas, mas maravilhas singulares, porque a grandeza de Maria excede, sem comparação, toda grandeza criada”.⁴ Dos homens, Deus perdoou muitos pecados; mas, quanto a Nossa Senhora, impossibilitou que Ela cometesse todos. ♣

¹ “Chama-se de magnânimo a um homem porque a alma dele é orientada para um grande ato” (SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, q.129, a.1).

² Cf. SANTO AGOSTINHO. *Tratados sobre o Evangelho de São João*. Tratado 72, n.3.

³ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., I, q.25, a.3, ad 3.

⁴ SÃO LOURENÇO DE BRÍNDISI. Alabanzas e invocaciones a la Virgen Madre de Dios. Sermo IX, n.3. In: *Mariol*. Madrid: BAC, 2004, p.309.

*Chama-se
alguém de
magnânimo
pelas coisas
grandes que
faz. E o que
se pode fazer
de maior
nesta terra?
Perdoar!*

Reprodução



“Retorno do filho pródigo”, por Bartolomé Esteban Murillo - Galeria Nacional Arte, Washington



Conversão: uma iniciativa de Deus

A fim de nos atrair à santidade, a Providência Divina envia uma graça especial de conversão; na conjuntura atual, a humanidade necessita desse auxílio para alcançar os desígnios de Deus a seu respeito.

℟ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

Tudo é graça!”, dizia Santa Teresinha do Menino Jesus, sem conhecer profundamente Teologia... Isto acontece com os Santos: eles são assistidos por uma ação especial do Espírito Santo, que os leva a afirmar altos princípios doutrinários sem os terem estudado.

E a máxima da Santa da pequena via se aplica de modo particular à conversão de uma alma.

Fruto de uma iniciativa divina

São Tomás de Aquino¹ afirma categoricamente que a conversão é uma graça que parte de Deus, como fruto de uma iniciativa d'Ele. Ou seja, ninguém procura converter-se por impulso próprio, mas Deus cria uma graça para tocar a fundo aquela alma. Portanto, o primeiro passo rumo à conversão é dado por um impulso da graça. Trata-se de um princípio teológico, que foi objeto de uma discussão com os pelagianos inclusive.²

Assim o explica com precisão o douto Pe. Garrigou-Lagrange: “Não

é em virtude da deliberação e por um ato prévio que o pecador, no momento de sua conversão, é movido a querer eficazmente o fim último sobrenatural, pois todo ato prévio é inferior a esse querer eficaz e não pode mais que o predispor. É necessário, pois, uma graça operante especial”³.

Quer dizer, qualquer esforço ou ato anterior no sentido de uma mudança é inferior a essa graça, de modo que não produz a conversão.

Portanto, a conversão é uma graça operante e eficaz: uma vez dada por Deus, produz aquilo para o qual foi criada, sem a possibilidade de a pessoa negá-la nem lhe opor obstáculos ou resistência. Recebendo essa graça, ela se converte e passa a ser o que Deus quer.

Uma louca ilusão

Com frequência, o apóstolo se engana julgando ser ele quem vai convencer o apostolando por este ou aquele método, por ter luzes especiais e conhecimento da doutrina católica; ou por ser uma pessoa muito simpática, de conversa agradável, dotada de um dom de atrair e de um carisma pelo qual ele encanta seu interlocutor. Ilusão e loucura, pois isso não é verdade!

O que converte uma pessoa é a graça! Se Deus não tomar a iniciativa, por mais que se converse e se usem raciocínios para convencer, a pessoa resiste e os jeitos e a diplomacia do apóstolo dão em nada.

Ninguém procura converter-se por impulso próprio: é necessário uma graça operante especial para mover as almas a mudarem de vida



Uma imagem criada por Dr. Plinio Corrêa de Oliveira bem ilustra essa realidade. Se Nosso Senhor Jesus Cristo, com toda a sua sabedoria divina, quisesse fazer apostolado com os trezentos maiores sábios da História, mas prescindisse da graça que Ele mesmo cria, não moveria um só desses sábios à prática de um ato de virtude que fosse.

Então, não adianta querer fazer apostolado abstraindo-se da graça, pois é impossível. A principal ação de um apóstolo está na oração. Se ele não reza, nada obterá, por mais que se julgue um colosso.

Tudo depende da graça

Essa primeira graça de conversão é um arrebatamento da vontade, um maravilhamento posto por Deus na alma.

A partir do momento em que a pessoa se converte e já quer eficazmente seu fim último, ela começa a pôr em prática os meios para isso, também auxiliada e impulsionada por uma outra graça, sem a qual não o faria. Ela passa a receber graças cooperantes – aquelas em que a alma é movida por Deus, mas requer-se o contributo da vontade –, que a convidam a dar uma adesão ao que foi objeto do encantamento produzido pela graça operante.

Então, o trabalho do apóstolo será o de tratar bem o apostolando, ajudá-lo, acompanhá-lo, explicar-lhe o necessário. Assim ele facilitará a ação da graça cooperante e criará o ambiente para que ela produza os efeitos da graça primeira.

Quando alguém tem um bom pensamento, a iniciativa partiu de Deus, que o sustenta e estimula. Essa graça desperta nele um desejo de pôr aquele pensamento em prática, o que, por sua vez, é outra graça diferente da primeira; trata-se de uma segunda graça.

Francisco Légaro

Se a pessoa corresponde a essa segunda graça e, de fato, toma uma resolução em função dela, no ato que vai praticar depois entra uma outra graça, diversa das duas anteriores.

Ela põe em prática e aparece um obstáculo. Para vencê-lo, terá de tomar uma decisão: outra graça. Já são quatro graças distintas.



“Conversão de São Paulo”, por Vicente Juan Masip - Museu da Catedral de Valência (Espanha); na página anterior, Deus Pai - Igreja Nossa Senhora da Assunção, Verrières-le-Buisson (França)

São Paulo passou de perseguidor a anunciador por um dom de Deus: a graça o apanhou e, por misericórdia, transformou-o

Após esta vitória, ela, em outras circunstâncias, precisará repetir aquele ato para justamente perseverar na virtude. A cada vez que o faça, receberá uma graça diferente.

Tendo-o realizado muitas e muitas vezes, ela se tornará virtuosa; olhando para trás, para não sucumbir diante de uma tentação de vaidade, ela necessitará de uma outra graça. E para chegar à perfeição daquela virtude, mais uma graça, porque só por esforço não se chega a isso.

Então, tudo é graça!

O exemplo de São Paulo

Olhemos para exemplos magníficos de santidade, como é o caso de São Paulo. Que santo extraordinário, de um fogo, de uma energia, de uma decisão!

Mas ele mesmo afirma que foi um facínora e até um abortivo (cf. I Cor 15, 8). Estava indo para Damasco com o intuito de fazer mal à Igreja de Deus e de levar à morte os cristãos, que ele detestava. Pois foi nesse caminho que ele caiu do cavalo e, em pouco tempo, se transformou no Apóstolo.

Como São Paulo passou de perseguidor a anunciador? Qual foi a oração que rezou? Qual foi o ato de virtude praticado por ele que moveu Deus a dar-lhe uma graça? O que fez para merecer a conversão? Nada! Pelo contrário, ele agiu mal, queria cometer crimes, estava determinado no mau objetivo de perseguir os cristãos... E foi derrubado do cavalo porque o Senhor quis.

Foi um dom de Deus. A graça o apanhou a certa altura da vida e, por misericórdia, transformou-o de perseguidor em anunciador, num santo que conviveu com Nosso Senhor Jesus Cristo em corpo glorioso



durante três anos no deserto, sendo instruído por Ele.

Eis a imagem que São João Crisóstomo nos dá a respeito da misericórdia divina:

“Considera Paulo, que primeiro foi blasfemador, depois Apóstolo; primeiro perseguidor, depois anunciador; antes, prevaricador, depois, dispensador; antes cizânia, depois trigo; antes lobo, depois pastor; antes chumbo, depois ouro; antes corsário, depois piloto. [...] O que é, pois, o pecado se comparado à misericórdia de Deus? Uma teia de aranha. Sopra o vento, a teia de aranha se desfaz”.⁴

Uma conversão operada por intermédio de Nossa Senhora

Quantos outros fatos semelhantes há! Tomemos, por exemplo, o caso do Pe. Afonso Ratisbonne, fundador da Congregação de Nossa Senhora de Sion.

Ele era judeu de raça e religião, e entrou certo dia na Igreja de Sant'Andrea delle Fratte, em Roma, acompanhando um amigo que já lhe havia instado que se convertesse, sem qualquer resultado. Aceitara apenas carregar no bolso uma medalha milagrosa. Enquanto o amigo foi tratar de um assunto na sacristia, Afonso Ratisbonne ficou junto a um altar lateral.

De repente, Nossa Senhora apareceu no alto do altar, indicando que ele devia se ajoelhar. Afonso assim o fez e ali se converteu.

Trata-se de uma conversão espetacular! Quem poderia fazer isso? Só mesmo uma graça, por iniciativa de Deus.

Confiança na misericórdia

Diz-se impropriamente que Deus tem misericórdia.

A realidade, porém, é muito superior: Deus é misericórdia. O que é a misericórdia? É a essência de Deus!

“Deus antecede com a misericórdia o seu nome. É, pois, chamado o que tem misericórdia, misericordioso, de muita misericórdia, pai das misericórdias, Deus de toda consolação,

Se Nossa Senhora nos perdoa, Deus o faz muito mais. Apesar de nossas misérias e defeitos, não podemos desanimar nunca!



Conversão de Afonso Ratisbonne - Igreja Sant'Andrea delle Fratte, Roma

etc. (cf. Ex 34, 6; Sl 110, 4; II Cor 1, 3), para significar que a Deus é próprio ter pena e perdoar, e que a misericórdia é conatural a Ele, íntima e essencial, e dela, como de nome próprio, Deus Se gloria”⁵.

Qualquer criatura, até mesmo Nossa Senhora, é apenas uma imagem da misericórdia divina e dela participa. Se Maria Santíssima nos perdoa, imaginemos o quanto Deus o faz, ainda mais se contamos com a intercessão d'Elas.

Então nós, que penamos com nossas próprias misérias, que carregamos uma série de defeitos, imperfeições e caprichos – que fazem parte da nossa natureza humana decaída pelo pecado original, arruinada pelos pecados de nossos antepassados, pelos nossos pecados atuais e pela situação deteriorada de nossa geração –, não podemos desanimar nunca!

Desde que nós não queremos continuar assim, por relaxamento ou tibieza, jamais nos perturbemos. Tenhamos confiança na misericórdia de Deus, peçamos, peçamos, peçamos, que a solução em determinado momento virá. Por mais que sejamos o pior desastre da História, por maiores e mais complicados que sejam nossos problemas, para Deus tudo não passa de teias de aranha. Ele sopra e nada resiste, vão-se embora.

Se a Providência agiu assim com São Paulo, por que Ela não vai ter pena da nossa geração destroçada pelo processo multissecular chamado Revolução?

“Grand Retour”: a grande conversão

Deus pode passar por cima de tudo isso.

Ainda existem almas aqui, lá, acolá que têm sede de maravilhoso e nas quais

Francisco Lecaros

há laivos de preservação, porque a Revolução não adquiriu um grau de universalidade absoluto. Ela pode chegar mais baixo – a ponto de serem perseguidos e tidos como desequilibrados, loucos e anormais aqueles que cumprem a Lei de Deus – pois assim como o limite da perfeição é o Céu, o limite da decadência é o inferno. Até onde Deus tolerará essa situação, não se sabe...

Ora, se o demônio leva anos para fazer uma pessoa decair, esta mesma pessoa pode subir maravilhosamente com uma graça operante, eficaz, superabundante.

É essa a confiança que Dr. Plinio tinha – confirmado um prognóstico feito por São Luís Grignion de Montfort e baseado na previsão deste –, na descida do Espírito Santo sobre a humanidade com graças especiais, num sopro divino que, em meio à imoralidade, à loucura e ao caos, de repente levará embora não só as teias de aranha, mas as pedras do Himalaia que existem em nossas almas. Então se dará uma conversão em massa impressionante. Essa graça, ele a chamava de “*Grand Retour*”.

Em sua obra *Revolução e Contra-Revolução*,⁶ Dr. Plinio fala de um choque restaurador mediante o qual as pessoas podem, depois de chegar a uma decadência que as leve, metaforicamente, a comer as bolotas dos porcos como o filho pródigo, ter de repente um ressurgir. Portanto, essa conversão trará um efeito verdadeiramente maravilhoso.

Ora, a conversão é fulminante, mas ela tem de produzir frutos e estes são demorados: as construções, os modos de ser, o comportamento, as exterioridades devem ser outros. Não se trata de uma conversão em que a pessoa passa a ser *ipso facto* como um anjinho barroco no Céu; pelo contrário, de armas na mão e



Mons. João em uma reunião no ano de 1998

*O Espírito Santo
há de descer sobre
a humanidade com
graças especiais,
num sopro divino
que promoverá uma
conversão em massa*

combatendo, ela terá de conquistar tudo. E isso não se realiza da noite para o dia.

Essa esperança deve constituir o nosso horizonte, deve ser para nós o fundamento da certeza da vitória. Não queremos outra coisa: que todos sejamos um; uma só doutrina, uma só religião, conduzidos por um só pastor. Trata-se de nunca deixarmos de ter confiança no amor e na intercessão de Nossa Senhora. Em determinado momento, havemos de ter a nossa palavra atendida, ouvida, recebida, acolhida:

com base na graça que Ela obtém e distribui para nós, vamos nos transformar e Ela constituirá o seu Reino. ♣

Excertos de: *Conferências*, 19/5/1997, 2/11/1997, 15/3/1998, 14/6/2000, 5/7/2000, 10/10/2008; *Aulas*, 2/8/2002, 30/8/2002; *Meditação*, 17/8/1992

¹ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I-II, q.109, a.6. Ver artigo da seção *São Tomás ensina*, nesta mesma edição.

² Cf. GARRIGOU-LAGRANGE, OP, Réginald. *Les trois âges de la vie intérieure*. Paris: Du Cerf, 1951, v.I, p.114.

³ Idem, p.120, nota 1.

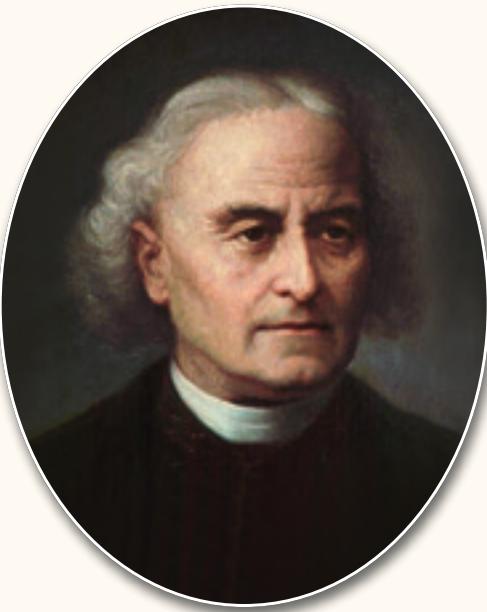
⁴ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO. In *Psalmum L.* Homilia II, n.3-4: PG 55, 578-579.

⁵ CORNÉLIO A LÁPIDE. *Commentaria in Ecclesiasticum*. In: *Commentarii in Sacram Scripturam*. Lugduni: Pelagaud et Lesne, 1841, v.V, p.1083.

⁶ Cf. CORRÊA DE OLIVEIRA, Plinio. *Revolução e Contra-Revolução*. 9.ed. São Paulo: Associação Brasileira Arautos do Evangelho, 2024, p.177-185.

Grandes conversões – Teodoro Ratisbonne, um autêntico filho de Israel

Reprodução



Da sinagoga à Igreja Católica

A História pode narrar belíssimas conversões acontecidas entre os mais diversos povos; mas as intervenções de Nosso Senhor na vida dos de sua raça são especialmente comoventes.

▽ Ir. Patricia Victoria Jorge Villegas, EP



Apartir daquele momento, a vida de Teodoro tomaria outro rumo. Saindo de casa, encontrou-se com seu irmão. “Aonde vais?”, perguntou este, apertando-lhe a mão. “Aqui perto”, respondeu. De fato, era “perto”... Ele daria apenas um passo para chegar ao destino almejado: um passo, um levantar de véu (cf. II Cor 3, 16) “do judaísmo ao Cristianismo, da sinagoga à Igreja, de Moisés a Jesus Cristo, da morte à vida!”¹

Porém, quantas lutas precederam este grande dia!...

Abrindo o caminho para o irmão

Afonso Ratisbonne tornou-se muito conhecido no mundo católico por sua prodigiosa conversão. Mas o que quase ninguém sabe é que seu irmão, Teodoro, antecipou-se a ele no caminho da Fé.

A ação da graça na alma de Afonso foi fulminante; no coração de Teodoro ela se insinuou com delicadeza. Como a aurora, a luz de Nossa Senhora rasgou de uma só vez as trevas que dominavam o espírito de Afonso; com Teodoro, Deus agiu suavemente, iluminando seu interior como os raios do crepúsculo, aos poucos.

No entanto, bem podemos crer que os combates espirituais de Teodoro no processo de sua conversão tenham aberto caminho para que Afonso também, um dia, penetrasse no seio da Santa Igreja.

Primeiras críticas ao judaísmo

Teodoro Ratisbonne pertencia à família Cerfber, instalada em Estrasburgo, França, e seu pai era presidente do consistório israelita. Toda a sua educação infantil pautou-se nas tradições e costumes judaicos, apesar de não lhe ter sido dada uma formação propriamente religiosa. Sua mãe foi a

única figura que lhe ensinou, por seu exemplo, princípios morais. Por isso, a morte precoce dela o abalou a fundo e inclinou seu temperamento aos assuntos mais sérios.

“O nome judeu me fazia enrubescer”, confessou ele. De fato, a frequência à sinagoga e às assembleias judaicas engendrou em sua alma grandes críticas contra a pouca dignidade dos que ali se reuniam. “O Messias, por que ainda não veio?”, pensava; e, aos poucos, até a crença nessa vinda ele passou a desdenhar. E como seu pai não o obrigava a participar dos ritos judaicos, terminou por afastar-se da religião.

Da dúvida ao ceticismo

Com a ausência da mãe, sua alma passou a sentir um vazio tremendo. Desejava amar e ser amado; e procurava ser compreendido, porque já não se compreendia a si mesmo.

Fez uma estadia em Paris, mas a amargura interior de seu coração apenas cresceu: “Eu não conhecia nenhum homem, nenhum livro que pudesse me instruir sobre as coisas eternas”. Sempre tivera horror ao Cristianismo, por tradição familiar, considerando-o uma idola-

Na alma de Teodoro Ratisbonne a graça da conversão se insinuou com delicadeza, iluminando o seu interior como os raios do crepúsculo

tria; e o judaísmo se constituíra para ele numa vergonha: "A sinagoga era como uma barreira entre mim e Deus".

Aos vinte e cinco anos surgiram as primeiras solicitações para o matrimônio. Teodoro julgava poder encontrar nessa via sua felicidade. Entretanto, antes de tomar qualquer decisão queria gozar do mundo e passou, então, algum tempo atrás de prazeres ilusórios.

Em certo momento, uma dúvida começou a assaltar sua consciência: "Qual é a minha felicidade nesta terra?" Vivia sem religião, sem procurar nem o bem nem o mal... Para que servia sua existência?

À busca de respostas, navegou pelas águas muitas vezes perigosas da Filosofia e terminou familiarizando-se com a literatura filosófica do século XVIII, tão afastada da verdade. Dedicou-se exclusivamente a estudar: trancado num recinto isolado de sua casa, passava o dia lendo e meditando, alimentando-se apenas do necessário para subsistir, às vezes sem dormir. Segundo viria a afir-

mar, murmurou com Rousseau e terminou rindo com Voltaire... Caiu assim num total ceticismo e, para sua infelicidade, muitos o aplaudiram por isso.

No fundo desse abismo de incredulidade, contudo, a tristeza invadiu sua alma e ele se lembrou do Deus de sua infância. "Ó Deus! Se realmente existes, dá-me a conhecer a verdade, e eu juro antecipadamente que Te consagrarei a minha vida".

De fato, a tempestade se acalmou: era chegado o momento da graça.

Entre o Deus dos judeus e o Deus dos cristãos

Decidido a deixar Estrasburgo, ele partiu rumo a Paris a fim de lá terminar seus estudos de Direito. Almejava encontrar mestres que preenchessem o vazio de sua alma. Mas, apenas começados seus projetos de estudo na capital francesa, um sentimento estranho passou a atormentá-lo e uma voz interior lhe disse: "É preciso voltar a Estrasburgo!" "Como? Voltar a Estrasburgo?", pensou. Ele havia acabado de sair de lá! Não ficaria mal retornar sem nem sequer ter iniciado a execução de seus planos? A voz, porém, repicava

em sua mente como um sino: "Estrasburgo!" Não podendo mais resistir aos clamores da consciência, Teodoro regressou à sua cidade.

Lá chegando, foi abordado por um jovem desconhecido que o convidou a participar de um curso que seria presidido por um grande filósofo, professor de ótima reputação, chamado Sr. Bautain. Esse jovem – mal sabia ele! – tornar-se-ia em breve seu melhor amigo e, mais tarde, seu irmão no sacerdócio.

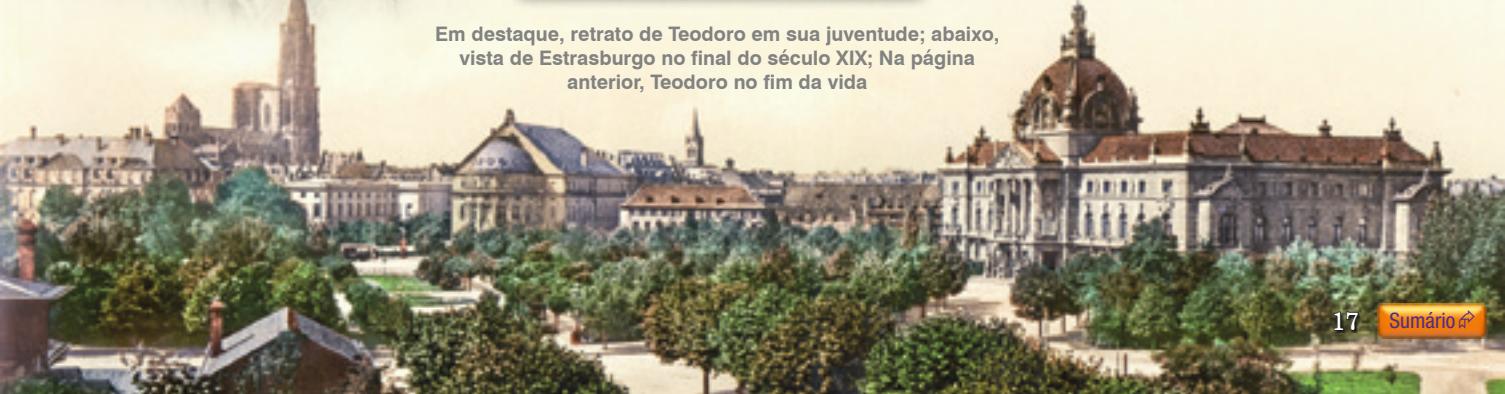
O curso foi inteiramente inédito para Teodoro. O expositor ensinava a verdade universal a partir das Sagradas Escrituras, o que dava força e virtude ao seu discurso. Como um *iceberg* diante do Sol, todas as resistências do coração de Teodoro começaram a desvanecer-se. O Cristianismo penetrava em sua alma sem consultar a razão...

Apesar de tudo, iniciou-se para ele um árduo combate, não contra críticos racionais, mas contra os restos de judaísmo arraigados em sua alma. "Acreditava em Jesus Cristo e, entretanto, não era capaz de invocá-Lo, de pronunciar seu nome, tão profunda e inveterada é a aversão dos judeus por esse nome sagrado".

Ora, durante uma estadia na Suíça contraiu ele uma terrível enfermidade que o deixou mal à morte. Não querendo ofender o Deus de Abraão invocando o Deus dos cristãos, não sabia a quem recorrer... Entretanto, em certo momento foi acometido por um lancinante desespero, e de seus lábios escapou, num brado, o adorável nome de Jesus Cristo! No dia seguinte, a febre o deixou. A partir de então a pronúncia do nome de Jesus se lhe tornou doce e agradável, e ele passou também a invocar a Virgem Maria como sua Mãe.

Em sua busca pela verdade, o jovem Teodoro passou da sinagoga a um completo ceticismo, até que se lembrou do Deus de sua infância...

Em destaque, retrato de Teodoro em sua juventude; abaixo, vista de Estrasburgo no final do século XIX; Na página anterior, Teodoro no fim da vida





Afinal, brotou-lhe do coração um desejo: ser batizado! Mas sua situação era delicada e exigia prudência...

Caminhando de claridade em claridade

Terminados os estudos de Direito, recebeu do pai o cargo de diretor das escolas judaicas do consistório. Ajudado por dois amigos de sua raça que também haviam frequentado o curso do Sr. Bautain, reformou o ensino e a passou fazer palestras para ajudar na educação das crianças. Os auditórios se enchiam para ouvir as exposições, tal era a força da pregação da verdade. Uma bênção acompanhava todos esses empreendimentos. E, assim como se passara com eles, a sinagoga começou a ser cristianizada sem o saber...

Mesmo com esses progressos, a fé que nascia em seu coração reclamava um alimento mais sólido. Era necessário dar passos na Igreja Católica. Na primeira vez que assistiu a uma Missa solene, Teodoro pensava que havia chegado ao Paraíso. Os cânticos, as orações, o sacerdote que presidia, o Santíssimo Sacramento... tudo lhe parecia vir do Céu! O que ouvira sobre a grandeza do Templo e do culto em Jerusalém encontrava, naquele altar,

sua autêntica realização. Ali estavam os verdadeiros adoradores de Deus!

Desde o início das aulas com o Sr. Bautain, Teodoro começara a ler as Sagradas Escrituras. Certo dia, às nove horas da noite terminou o Antigo Testamento e passou às primeiras páginas do Novo Testamento: os Evangelhos! Sem poder dormir, leu em uma noite o Evangelho de São Mateus e em outra o de São João.

Em meio a essas graças, as solicitações para que contráisse matrimônio voltaram à tona. Seus pais desejavam que ele se casasse com uma dama da alta sociedade de Viena, o que lhe trouxe novos sonhos de levar uma vida regalada e cheia de prazeres. Queria partir para a capital austriaca, mas... sentia-se preso por uma força inexplicável.

Finalmente a graça de Deus o ajudou a resistir e ele se engajou, com um conjunto de amigos, numa pequena sociedade em que cada um se compro-

metia a viver castamente, abandonado às mãos da Providência.

Teodoro foi batizado e, poucos meses depois, fez sua Primeira Comunhão. Não precisou de grandes explicações sobre a Eucaristia: sua fé havia aderido às palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo sem amarrar-se a critérios meramente racionais. Seu coração deixou-se arrebatar pelo Sacramento do Amor!

Eterno adeus à sinagoga

Em certo momento, os membros do consistório começaram a perceber que Teodoro tinha mudado. Sua frequência diária à Igreja era vista por todos e não havia meios de esconder sua religião. Os judeus passaram a pressioná-lo para que confessasse de público sua verdadeira fé e para que fosse deposito de seu cargo. Mas somente o presidente do consistório podia demiti-lo, e este era seu pai.

Teodoro compreendeu que devia desapegar-se de toda e qualquer afeição natural, e as palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo iluminaram sua mente: vim trazer a espada à terra (cf. Mt 10, 34). Era chegado o momento de separar-se da família, do mundo e da sinagoga.

Seu pai, já perturbado por diversas suspeitas, convidou-o a uma conversa particular e interrogou se ele era cristão. "Sim, sou cristão, mas adoro o mesmo Deus dos meus pais, o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, e reconheço que Jesus Cristo é o Messias, o Redentor de Israel", afirmou. Após alguns instantes de silêncio, o progenitor prorrompeu em lágrimas. Teodoro também começou a chorar, pois tinha o coração partido por vê-lo por primeira vez nesse estado...

Como resposta seu pai declarou que, de todos os males que havia suportado em sua vida, esse era o pior e o único irreparável... Assustado com tamanha cegueira, Teodoro tentou filialmente consolá-lo. Mas um terrível desespero subiu ao coração de seu pai, e ele teria proferido maldições contra o filho se este não houvesse se retirado da sala.



À esquerda, certidão de Batismo de Teodoro; à direita, documento de sua ordenação sacerdotal



Teodoro Ratisbonne e seu irmão Afonso com os membros da Comunidade de Saint-Pierre de Sion, fundada em Jerusalém pela Congregação de Nossa Senhora de Sion

Teodoro estava convencido: antes perder a vida do que abandonar a Fé. Tendo convocado a assembleia judaica, diante de todos declarou-se cristão e lhes perguntou se deveria continuar em sua função de diretor das escolas judaicas. Um ancião disse que apenas se ele permanecesse judeu. Para Teodoro tal via já não era uma opção válida. Sem perder mais tempo, retirou-se. Esse foi seu eterno adeus à sinagoga.

Naquele mesmo dia, abandonou o lar paterno e mudou-se definitivamente para uma casa cristã, onde seus amigos católicos o esperavam.

Consagrado ao serviço da Igreja

Tendo deixado o mundo para trás, Teodoro pôs-se em busca da realização de um desejo ardente: ser sacerdote. “Eu não sei quando esse desejo se formou em mim e como entrou em minha alma; hoje me parece que ele veio com a própria vida”, declararia mais tarde.

Em uma casa de ensino superior fundada em Molsheim pelo Bispo de Trevern, passou dois anos estudando Teologia. Foi um período difícil, cheio de desilusões e de decepções; mas nada abalou sua vocação.

Cultivava em sua alma esperanças de ver seu pai convertido. De volta à cidade natal, encontrou-o à beira da

Ordenado sacerdote no Natal de 1830, fundou mais tarde a Congregação de Nossa Senhora de Sion, zeloso pela conversão de seus irmãos de sangue

morte. Apesar de suas primeiras resistências ao Cristianismo, no fim de sua vida ele havia demonstrado interesse pela religião católica, mas já era tarde. Enquanto agonizava, Teodoro permanecia aos pés da cama rezando por sua alma. De repente, entraram no quarto alguns judeus que se precipitaram sobre Teodoro para arrancá-lo dali. Pensando que o iam assassinar, ele gritou: “Jesus, salvai-me!” Neste exato momento, o moribundo expirou. A morte o levou antes da conversão.

No Natal de 1830, Teodoro foi ordenado sacerdote e, pouco tempo depois, feito Vigário da Catedral de Estrasburgo. Movido de grande zelo pela conversão de seus irmãos de sangue, fundou a

Congregação de Nossa Senhora de Sion em 1842, da qual passou a ser missionário e superior geral.

Uma gloriosa batalha ainda o esperava: a conversão de seu irmão. “Apenas um da família eu odiava: meu irmão Teodoro”,² confessou Afonso mais tarde. E enquanto este procurava esquecer-se de seu irmão, Teodoro rezava por ele...

A predileção divina redundará em glória!

A História nos narra belíssimas conversões ocorridas entre os mais diversos povos. Entretanto, quão comovente é contemplar a intervenção de Nosso Senhor Jesus Cristo, muitas vezes pela mediação de sua Mãe Santíssima, em favor daqueles que são de sua mesma raça e de seu mesmo sangue!

“Israel era ainda criança, e já Eu o amava” (Os 11, 1), afirma o Espírito Santo pela boca do profeta. Eis a predileção divina pelo povo judeu. E, se é verdade que um véu cobre seus corações até os dias de hoje (cf. II Cor 3, 15), aqueles que se deixarem atrair pela misericórdia de Deus e crerem no Messias que lhes foi enviado, ver-se-ão livres desse obstáculo e contemplarão a glória de Deus que Moisés e Abraão desejaram ver em suas vidas, mas não puderam.

Dia virá em que esses filhos tão amados pelo Altíssimo refletirão em si mesmos o esplendor de um passado repleto de feitos heroicos e de incontáveis prodígios, dando à Igreja Católica a glória que deles espera ardente e o Sagrado Coração de Jesus! ♣

¹ Todos os dados biográficos que constam no presente artigo foram tomadas do relato do próprio Teodoro Ratisbonne compilado em: HUGUET, Jean-Joseph. *Célèbres conversions contemporaines*. 3.ed. Paris: Périsse Frères, 1882, p.133-160.

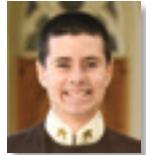
² LA MADONNA DEL MIRACOLO. Roma: Postulazione Generale dei Minimi, 1971, p.12.



Perseguido por Deus, chamado por Maria

Conversão? Não. Apenas um passo em frente!

✉ João Paulo de Oliveira Bueno



Duas vezes chorou Jesus, narram os Evangelhos. Uma por Lázaro: era a perda de um ente querido; outra sobre a Cidade Santa: perdia Ele seu próprio povo. A nação pela qual viera ao mundo O rejeitava: “Jerusalém, Jerusalém...” (Lc 13, 34).

As lágrimas que Lhe correram pela Sagrada Face, contudo, não foram infrutíferas. Antes mesmo que chegue o dia em que todo o Israel se converta e seja salvo (cf. Rm 11, 25-26), essa manifestação do amor divino já começou a operar a conversão de corações eleitos. Assim o foi com Afonso e Teodoro Ratisbonne, Hermann Cohen

e muitos outros, um deles até bem próximo de nós...

Anseio por Javé

Filho de judeus alemães refugiados, Roy Schoeman nasceu e cresceu nos subúrbios de Nova York, no início da década de 1950, em meio a uma família observante, que logo se tornou um dos pilares do conservadorismo judaico local.

Desde cedo, não lhe faltou a consciência e o orgulho de sua raça e religião. Além da instrução básica comum, Roy frequentava duas vezes por semana o programa educacional

da sinagoga, onde foi introduzido nas tradições paternas.

Seu caráter naturalmente devoto ansiava por Deus. Queria agradá-Lo. Sobretudo, sentia a alívio de pertencer ao povo escolhido, que conhecia o nome de Javé. Em suas palavras, “era na escola hebraica e nas atividades em torno da sinagoga que eu me sentia mais em minha própria pele”!

A mão divina, entretanto, convidava interiormente essa alma predileta a dar um passo em frente.

Inquietudes religiosas

Uma experiência singular ocorrida em tenra infância dá mostras desse chamado. Apesar do ambiente pouco afeito a Cristo, a primeira sentença pronunciada pelo pequeno Schoeman foi: “Quero uma árvore de Natal!” O vocábulo inglês para esta



Reprodução

“Natal alegre”, por Viggo Johansen - Coleção Hirschsprung, Copenhague

*Apesar do ambiente
pouco afeito a Cristo,
Ele o atraiu desde a
infância: “Sentia o
amor, o júbilo do Natal,
e a real presença do
Menino Jesus em tudo”*

festa – *Christmas* – contém o nome do Redentor. Na verdade seu inocente desejo, aparentemente insignificante, baseava-se numa profunda atração pelo Divino Infante: “Eu sentia a cordialidade, o amor, o júbilo do Natal, e a real presença do Menino Jesus no centro de tudo”.²

Os encantos da infância, porém, se escoaram como o tempo. E não tardou para que esse sentimento sobrenatural que o consolava se transmutasse em hostilidade. Schoeman assim o relata: “Era uma espécie de azedume por ter sido rejeitado, excluído, daquilo – em realidade, d’Aquele – que eu mais desejava”;³ e “quanto mais profunda era essa contradição [...], mais amargo era o antagonismo que eu sentia em relação a tudo o que era cristão”.⁴

Em busca de um sentido para a vida

Ingressando no Instituto Tecnológico de Massachusetts, a má compreensão do relacionamento entre religião e moralidade o levaram a entregar-se às piores paixões. “Por um instante, minha sede de Deus foi saciada por falsas consolações”,⁵ reconheceu. Sua crença amorfa, enfraquecida pelos vícios, desdobrou-se em um agnosticismo hedonista.

Embora bem-sucedido, a desilusão começou-lhe a bater na porta. Buscando algo que preenchesse seu vazio, experimentou meses de excitação no montanhismo, em cursos de especializações superiores, numa destacada carreira acadêmica com MBA em Harvard e, por último, despendendo anos

na prática do esqui. Nada o contentava... E ainda esperava algum sentido maior para sua vida.

Nessas condições se encontrava quando, contemplando a beleza da natureza alpina durante um pôr do sol, a neve refletiu os raios do astro rei em seus últimos fulgores e remeteu Roy

ao Criador. Era a primeira vez, em anos, que se lembrava do único que o podia satisfazer.

“Caí... no Céu”

Por essa fresta aberta, Deus não tardou em entrar.

Tempos depois, caminhava ele a sós pelas dunas arenosas do Cape Cod quando recebeu a maior graça de sua vida: “Na falta de termo melhor,

‘caí no Céu’”.⁶ De um instante para o outro, achou-se na presença do Santo dos Santos.

Descerrou-se a cortina que o separava do sobrenatural, e ele viu, dotada como que de um valor moral, toda a sua vida diante do Altíssimo. Sua maior lamentação seria de não ter considerado com quanto amor Aquele que é a Misericórdia o havia amado.

Uma súplica brotou-lhe no coração: “Revelai-me vosso nome, para que eu possa Vos louvar e servir bem. Não me importa se sois Buda, e eu tenha de tornar-me budista; não me importa se sois Krishna, e eu tenha de me tornar hindu; não me importa se sois Apolo, e eu tenha de me tornar um pagão romano; contanto que não sejais Cristo nem eu tenha de me tornar cristão!”⁷

Deus, então, respeitou tal prece... e não revelou seu nome. A visão desfez-se, mas Schoeman já estava mudado.

A euforia dessa graça durou semanas, levando-o a buscar incessantemente Aquele que Se lhe havia revelado de forma tão misteriosa. Nessa empreita seu maior proveito foi encontrar-se com um antigo colega



Reprodução

Roy Schoeman durante uma entrevista; abaixo, praia de Cape Cod (Estados Unidos)

Após ter caído num agnosticismo hedonista, Roy ansiava por um sentido maior para a existência... Até que recebeu a maior graça de sua vida



Francisco Lecaros

Virgem de Montmartre - Igreja de São Pedro de Montmartre, Paris

*Um ano mais tarde,
sua alma foi arrebatada
por uma nova graça
que confirmou a
sua conversão: o
encontro com a
Santíssima Virgem*

da universidade, em cuja residência deparou-se com uma obra intitulada *Os cem maiores milagres dos tempos modernos*. Chamou-lhe atenção o portento ocorrido na última aparição de Nossa Senhora em Fátima, quando

milhares de pessoas haviam testemunhado prodígios de grandeza bíblica. E desse fato concluiu que o Deus onipotente não restringira seus milagres ao Antigo Testamento...

Transcorrido um ano exato nessa procura, imerso em leituras espirituais de toda ordem, a graça o arrebataria novamente em um segundo episódio de sua conversão.

Deitou judeu e...

Tendo-se deitado após rezar mais uma vez para saber como Se chamava Aquele que lhe aparecera, Roy adormeceu. Em sonho, uma mão o conduziu pelo ombro para diante da mais formosa dama que já vira. Sua beleza, sua voz e especialmente o amor que d'Elas irradiava fizeram-no cair de joelhos. Quem era Ela? Schoeman já intuía: “Eu sabia, sem que me dissessem, que aquela era a Santa Virgem Maria”⁸.

Se era a Virgem Santíssima, era também a Mãe amabilíssima, e o agradado logo o pôde comprovar. Com extrema bondade, Ela Se dispôs a responder qualquer pergunta.

— Qual é — indagou Roy, para verificar o acerto de sua impressão — a vossa oração preferida?

— Todas Me agradam — declarou Ela, sem responder à interrogação de fundo.

O filho de Abraão não se deu por vencido:

— Mas Vós deveis gostar mais de algumas orações que de outras...

Para espanto de Schoeman e nosso, a Mãe do Messias recitou uma prece em... português, língua desconhecida para o seu interlocutor: “Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a Vós!”⁹

Por que a oração de sua predileção está nesse idioma, permanece um mistério. Talvez um dia Aquela que Se manifestou em Fátima e falou em português aos pastorinhos o deixe claro.

O fato, porém, é que Roy amanheceu cristão.

A plenitude da Aliança

Passando horas em santuários marianos após tanto favor, tomou a resolução de tornar-se católico, principalmente quando, por ocasião de uma estadia num mosteiro cartuxo na França, deu-se conta de que o Cristianismo era a plenitude do judaísmo. O modo como os monges recitavam os Salmos do Antigo Testamento, louvando a Sião e aos patriarcas hebraicos, descerrou-lhe os olhos para reconhecer em Jesus o Messias Salvador. A verdadeira estrela de Jacó, Cristo, passou a ser o seu norte; e sua bússola, o amor a Nossa Senhora.

Quando em 1992 as águas do Batismo lavaram sua alma, seu mais íntimo desejo, tantas vezes escondido ou disfarçado ao longo da vida, realizou-se. Daí em diante, seu empenho seria propagar esse testemunho entre os israelitas, para que, como ele, gozassem da docura de Cristo, o mel que brota da pedra para saciar os que a Ele se convertem (cf. Sl 80, 17).

Desejava que eles percebessem também que Javé não lhes pede uma conversão, mas só um passo em frente: que reconheçam a profecia cumprida, a plenitude da Aliança, o Deus conosco e a Virgem que O concebeu (cf. Is 7, 14). ♣

¹ SCHOEMAN, Roy. Surprised by Grace. In: SCHOEMAN, Roy (Ed.). *Honey from the rock. Sixteen Jews find the sweetness of Christ*. San Francisco: Ignatius, 2007, p.273.

² Idem, p.273-274.

³ Idem, p.274.

⁴ Idem, p.276.

⁵ Idem, p.277.

⁶ Idem, p.280.

⁷ Idem, p.281-282.

⁸ Idem, p.284.

⁹ Cf. Idem, p.284-285.



Ninguém pode reparar-se por si mesmo

Como se explica que tantas almas abandonem uma vida de pecado ou de paganismo para abraçar a Cruz de Cristo, na esperança da felicidade eterna? Que fizeram para tão radical mudança? Que mérito tiveram para isso? Nenhum! Converteram-se simplesmente porque Deus quis: receberam a graça da conversão e apenas não lhe puseram obstáculo.

É o Altíssimo quem busca as almas, como vai nos explicar São Tomás. Ele chama a conversão de “ressurgir do pecado” (*Suma Teológica*. I-II, q.109, a.7) e afirma que o homem “não pode reparar-se por si mesmo. Necessita ele de uma nova infusão da luz da graça, como se para ressuscitar um corpo morto lhe fosse infundida de novo sua alma” (a.7, ad 2).

Para haver uma conversão, supõe-se que exista alguma lacuna na alma, quando não a ausência ou perda da graça habitual infundida no Batismo. E “a conversão do homem para Deus não pode realizar-se senão pela própria ação de Deus que o converte para Ele” (a.6), comenta o Doutor Angélico. Isso porque, “quando a natureza é íntegra, por si mesma pode voltar para o estado que lhe é conveniente e proporcionado. Mas para aquilo que está muito acima de sua proporção, não pode restabelecer-se sem um auxílio exterior” (a.7, ad 3).

O Senhor não quer a morte do pecador, senão que se converta e viva (cf. Ez 18, 23). E para isso Ele pede somente sua cooperação, impelindo-o a deixar-se conduzir: “Quando o

homem, em seu livre-arbítrio movido por Deus, se esforça por ressurgir do pecado, recebe a luz da graça santificante” (a.7, ad 1).

No entanto, cessado o ato do pecado, permanece o reato da pena, que é a condição de réu do pecador que precisa reparar a ofensa cometida. Ademais, assevera o Aquinate que o pecado, por sua deformidade, mancha a alma ao privá-la do decoro da graça, corrompe a natureza e a desordena, fazendo com que a vontade humana não se submeta a Deus (cf. a.7).

Assim, a reparação desses três males, continua São Tomás, necessita invariavelmente da intervenção divina: “Dado que o brilho da graça vem da ilustração da luz divina, este

brilho não pode ser reparado na alma se, de novo, Deus não a ilumina. [...] Do mesmo modo, a ordem da natureza não pode ser reparada de tal modo que a vontade humana seja submissa a Deus, se Deus não a atrai a Si, como foi dito. Igualmente, também, a remissão do reato da pena eterna incorrida não pode ser obtida senão de Deus, que é o ofendido e o juiz” (a.7). Portanto, conclui, sem o auxílio da graça enquanto dom habitual e moção interior divina não há conversão.

“Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir minha voz e Me abrir a porta, entrarei em sua casa e cearemos, Eu com ele e ele comigo” (Ap 3, 20). A graça da conversão é e sempre será, pois, uma iniciativa de Deus! ♣



Ricardo Castielo Branco

O pecador não pode reparar-se por si mesmo. Necessita ele de uma nova infusão da luz da graça, como se para ressuscitar um corpo morto lhe fosse incutida novamente sua alma

Retorno do filho pródigo - Igreja Trinità dei Monti, Roma



Em batalha pelas almas

O central campo de batalha entre a Contra-Revolução e a Revolução dá-se na alma humana; entretanto, seus métodos de conquista são antagônicos.

⇒ Plínio Corrêa de Oliveira

Por mais que se diga o contrário, os fenômenos da sociedade humana só se estudam no homem. A sociedade é um conjunto de homens e, portanto, devemos primeiro analisar os princípios que regem o comportamento dos entes humanos para, depois, estudarmos o modo pelo qual eles se aplicam à sociedade.

O principal campo da batalha universal

O primeiro princípio que podemos enunciar é o da divisão dos homens em três categorias:

1) o *miles Christi*, o soldado de Cristo;

2) o *miles diaboli*, o soldado do demônio;

3) e o *amicus Christi et diaboli*, o pragmatista.

Não encontramos outros homens sobre a face da Terra, ao menos nos países de Civilização Cristã.

O *miles Christi*, ou *miles Ecclesiae* – o que é a mesma coisa –, é um homem para o qual o principal da vida é servir à Igreja Católica. Ele comprehende de que todo o encanto, toda a beleza,

toda a graça e toda a dignidade da vida provêm do fato de servir à Igreja Católica Apostólica Romana. E devido a isso, para a sua felicidade, para o seu bem-estar até, mas, sobretudo, para cumprir o seu dever, ele se consagra de corpo e alma ao serviço daquela que é a Arca da Aliança do Novo Testamento. O *miles Ecclesiae* tanto pode ser um homem muito inteligente, como muito ignorante. Ser *miles Christi* não é algo que decorra da cultura, mas da fé e do amor que se tem à Igreja.

Temos, numa outra categoria – mais difícil de ser admitida pelo

liberal –, o *miles diaboli*, o homem que ama o mal. Alguém poderia contra-argumentar que em Filosofia se estuda que o mal, enquanto mal, não pode ser amado. Evidentemente isto é correto. Mas o homem tem muitos modos de se iludir, pelos quais ele chega a amar o mal sob alguma razão de bem.

Por isto muitos homens são entusiastas do mal, assim como, por outro lado, nós, contrarrevolucionários, somos entusiastas do bem. E é capital para esse tipo de homem extirpar o bem da terra e implantar o mal, como para nós é fundamental implantar o bem e extirpar o mal.

Entre essas duas categorias, temos a do homem que é *amicus Christi et diaboli*. A ela pertencem os que gostam um pouco de Jesus Cristo e um pouco do demônio, mas que, na verdade, não amam a Jesus Cristo e sim, de uma maneira relativa, ao demônio. Estes homens amam sobretudo a si mesmos. Às vezes têm certa simpatia por Deus, às vezes pelo demônio, buscando sempre conciliar a luz com as trevas. São os pragmatistas.



Reprodução

A vida se nos afigura como uma batalha universal: do exército de Cristo contra o exército do demônio, lutando para conquistar as almas indiferentes

Divididos assim os homens em três categorias, a vida nesta terra se nos afigura como uma batalha universal: do exército de Cristo contra o exército do demônio, lutando precisamente para conquistar os indiferentes, os que estão divididos entre Cristo e Satanás, homens relaxados, indecisos e sem ideais.

Este é sem dúvida o principal, mas não o único campo de batalha. Nós, que somos filhos da luz, procuramos arrancar para a Igreja também os filhos das trevas, e estes, por sua vez, buscam atrair-nos para as hostes da Revolução. Sabemos, porém, que essas extirpações são muito difíceis, e por isso a nossa atuação se concentra, sobretudo, nos que estão no meio-termo e que constituem, assim, o principal campo da batalha universal.

Início da formação dos estados de espírito

Um dos pontos da doutrina católica menos compreendido em nossos dias é o que afirma que a criança, em via de regra, começa a fazer uso de sua razão aos sete anos e, a partir dessa idade, é capaz de cometer pecados mortais. Há até um Santo que afirmou ter visto no inferno uma criança de cinco anos; pecou mortalmente e foi logo condenada aos suplícios eternos.

É também por volta dos sete anos que começa a se formar o revolucionário ou o contrarrevolucionário. A criança, naturalmente, não tem conhecimento claro disso. Mas o problema da Revolução e da Contra-Revolução começa a se lhe apresentar no seu microcosmo infantil de modo a formar um certo panorama, uma certa visão, na qual ela vai já tomando atitudes, as quais, por sua vez, acarretam uma tomada de posição nos demais campos, não como algo fatal, mas provável.

Em resumo, é desde menino que começam a formar-se os estados de espírito. E certo é que todo homem tem

várias idades de revolucionário e de contrarrevolucionário.

Luz primordial e defeito capital

Se analisarmos o homem pragmático e o confrontarmos com o revolucionário, veremos que não há diferença entre ambos; eles formam uma só coisa. O pragmático é um indivíduo que encontrou o seu prazer em levar uma vida direita e, por isto, a leva. O revolucionário, por sua vez, encontrou a alegria em ter uma vida má e, consequentemente, a tem. Mas os dois procuram seu próprio prazer, variando apenas no modo de realizá-lo.

Donde se conclui que pragmáticos e revolucionários pertencem a uma mesma família, e que de fato só existem duas categorias de pessoas no mundo: a dos que são de Nossa Senhora, da ordem e da Contra-Revolução; e a dos que são da Serpente, da desordem e da Revolução.

Sabemos, por outro lado, que há dois homens dentro de cada homem, isto é, existe em cada um de nós uma luz primordial e um defeito capital.¹ A luz primordial nos inclina para a Contra-Revolução, e o defeito capital nos leva para a Revolução. Mas cabe considerar que todo homem, por mais que esteja firmemente ancorado no lado da Revolução, pode ser levado para a Contra-Revolução, e vice-versa. Em outras palavras, há uma mutabilidade no homem em relação a ambos os caminhos. Não existe – o que seria desolador – fixidez em cada uma das rotas.

Como se passa da Contra-Revolução para a Revolução

Isso posto, poder-se-ia perguntar de que modo um homem passa do caminho da Contra-Revolução para o da Revolução.

Em consequência do pecado original, o defeito capital tem no homem uma vivacidade as-

É desde a infância que se delineiam os estados de espírito dos indivíduos, e começam a se formar os revolucionários e os contrarrevolucionários



Foto: Reprodução



De cima para baixo: "Filhos do marquês de Béthune brincando com um cão", por François-Hubert Drouais - Museu de Arte de Birmingham (Inglaterra); "Os jovens fumantes", por August Heyn. Na página anterior, "Roberto da Normandia no Cerco de Antioquia", por Jean-Joseph Dassy - Palácio de Versailles (França)



sustadora, e com qualquer pequena concessão se alimenta e se expande enormemente. Podemos tomar para exemplo um homem orgulhoso que seja membro de uma associação qualquer. Se lhe dissermos que conhecemos todos os membros dessa sociedade e que o de maior valor pessoal é ele, imediatamente nos julgará um bom homem e um fino psicólogo. Dirá que o conhecemos bem e temos a noção exata do que ele é na realidade; que discernimos bem o aspecto pelo qual ele é superior a todos, e que temos bom coração, pois o que os outros não viram, nós percebemos.

O que na realidade fizemos foi dar-lhe um veneno. Depois disso, a primeira vez que alguém o repreender por um pequeno deslize ele se revoltará: “Como? Eu, que sou o mais importante de todos, estou sendo recriminado por esta criança! Quem é ele para fazer isso?” A partir de então não tolerará mais nada, porque o mínimo alimento dado ao defeito capital tem uma capacidade de inflamação prodigiosa.

Assim, se um homem fortemente contrarrevolucionário alimentar, por meio de uma concessão qualquer, o seu defeito capital, como este vício principal tem uma força de expansão semelhante à dos gases, em breve ele invadirá todo o homem e o dominará. É o processo pelo qual alguém se torna um revolucionário.

Como se dá a conversão à Contra-Revolução

Qual o processo pelo qual alguém se torna um contrarrevolucionário?

Todo homem, por mais que se tenha pervertido, leva dentro de sua alma uma figura completa dos ideais de bem e de verdade para os quais foi criado. Porém, à medida que vai decaindo na virtude, produz-se um embotamento em sua consciência de tal forma que aquela figura tende a desaparecer; vai sendo sepultada, mas não destruída, tal como na lenda bretã da *cathédrale engloutie*:² de quando em vez ela surge à tona do mar e tantas recordações de bem, de moral, de vir-

tude, de fé sobem à tona da alma do pecador e começam, repentinamente, a tocar os seus sinos.

Vem, então, a possibilidade da conversão. Para que essa seja possível, é necessário empregar grandes energias e despertar os primeiros princípios.

Técnica da conversão e tática da perversão

Digamos, agora, uma palavra sobre o embotamento. O que entendemos, em linguagem comum, por um homem embotado? É aquele cujo espírito tem apenas uns pequenos lampojos, uns restos de clarividência, e nada mais.

No fundo de todo pragmático há resquícios de virtudes católicas s; ele é por excelência um homem embotado. Quando se fala de Jesus Cristo ou da sua Igreja, ele sorri com um pouco de simpatia, como um surdo que consegue ouvir as últimas notas de um concerto. Porém, se se lhe admoesta acerca de sua concupiscência, o seu embotamento sofre uma metamorfose,

“O vício do jogo”, por Cornelis de Vos - Museu de Picardie, Amiens (França)

Francisco Lecaros



Todo homem leva dentro de si a figura dos ideais de bem e verdade, ainda que sepultada sob as águas de uma consciência pelo pecado

suas energias entorpecidas despertam e ele ou procura dominar-se, ou correrá até os extremos.

Uma das consequências mais importantes desses efeitos – tão importante que se poderia chamar a filosofia de ação do contrarrevolucionário – pode ser assim enunciada: uma é a técnica da conversão, outra a da perversão.

Esta última procede das pequenas concessões. Devendo a isso, o modo pelo qual se conduz uma pessoa à Revolução é, em geral, o das concessões graduais que vão levando os homens, de ponto em ponto, até os extremos.

Mas para conduzir alguém à Contra-Revolução temos que usar o método oposto. Trata-se de ressuscitar, dentro da pessoa, aquilo que chamamos acima a *cathédrale engloutie*, e isto só pode ser provocado por meio de um choque muito grande.

Esta ideia se esclarece se nos ativermos a outra imagem. O homem se utiliza de uma tática para fazer uma pessoa dormir, e de outra para acordá-la. No primeiro caso, toca-se uma música lenta e doce até que a pessoa adormeça. Mas para despertá-la a utilização do mesmo método não produzirá o menor resultado. A tática, nesta circunstância, é tocar o bumbo! Então, o vício capital e a Revolução a adormecem, exatamente quando a Contra-Revolução a acorda.

Fenômeno da “cristalização”

Ao analisarmos o indivíduo pragmático, vimos que ele é um homem dividido; ao mesmo tempo um *amicus Christi* e um *amicus diaboli*. É um templo com dois altares, ou um altar com duas imagens; tem em si restos de amor a Nosso Senhor e um forte foco inicial de amor ao demônio.



Dr. Plínio em dezembro de 1993

Mário Shinoda

A Revolução age através do vício capital, adormecendo a alma, ao passo que a Contra-Revolução atua de forma a despertá-la de seu sono

Vimos ainda que a tática do demônio consiste em levar para si o pragmatista por meio de concessões, que não cheguem a ser tão violentas a ponto de provocar um choque e fazer vir à tona a sua *cathédrale engloutie*.

Assim, para o demônio a tática inteligente é ir tentando o pecador por etapas, de tal modo que a sua consciência se vá anestesiando sem nunca receber um solavanco, pois se isto se

der a batalha estará perdida para ele.

Podemos dizer, então, que o demônio tem interesse em que a pessoa se torne revolucionária e desça ao inferno de modo gradual, por etapas. Muito raramente ele se interessa pelos fenômenos psicológicos em que a pessoa, sem perigo de se reconverter, é atirada do extremo da virtude ao extremo do vício. Isto traria consigo o perigo da “cristalização”.

O fenômeno físico da cristalização é muito conhecido. Se num recipiente, onde haja uma solução muito saturada, se colocar um cristal, a solução toda se cristaliza. O mesmo se dá com a consciência humana. Ela está saturada de remorsos. Repentinamente alguém faz algo muito revolucionário. Resulta daí um fenômeno de “cristalização”, isto é, uma volta à posição inicial. E é isto o que a Revolução tenta evitar que se realize. ♦

Extraído, com
pequenas adaptações, de:
Dr. Plínio. São Paulo. Ano XXIV.
N.277 (abr., 2021); p.15-22

¹ Luz primordial é uma expressão cunhada por Dr. Plínio para designar o aspecto específico de Deus que cada alma está chamada a refletir e contemplar. Cada alma tem uma luz primordial única, diferente de todas as outras. No oposto do ideal delineado pela luz primordial, mas no mesmo foco de dinamismo da alma, está o *defeito capital*.

² Do francês: catedral submersa. Dr. Plínio faz menção à lenda bretã de uma catedral submersa pelas águas do mar, cujo melódioso badalar de sinos se fazia ouvir pelos pescadores em dias de calmaria. A sugestiva figura representa o efeito de certas graças na alma do pecador.

Uma nova criação!

Afinal raiou o dia da execução. Para Jacques, que recuperara a dignidade do homem feito à imagem e semelhança de seu Criador, chegava o momento do descanso. Sirva sua história como penhor de confiança no poder de uma autêntica conversão.



¶ Ir. Diana Milena Devia Burbano, EP

Há pouco mais de três anos, Jacques Fesch é um presidiário. E, segundo lhe informa o seu advogado, agora será réu de morte também. Para este jovem de vinte e sete anos tudo terminará em apenas dois meses. Trágica perspectiva!... Dois meses de vida serão suficientes para saldar suas dívidas com Deus, antes de que a implacável lâmina da guilhotina ceife uma vida tão curta e... tão mal empregada?

A resposta seria negativa se ele fosse ainda aquele jovem desvairado que, na noite de 25 de fevereiro de 1954, entrou algemado na prisão de La Santé; mas não é o caso. Do “velho” Jacques Fesch já não resta sequer um fio de cabelo.

Um sonho que termina em tragédia

Jacques nasceu no dia 6 de abril de 1930, em Saint-Germain-en-Laye, uma cidade nos arredores de Paris, numa família tão abastada quanto ateia.

Apesar do luxo e das comodidades que o cercavam, cedo sentiu-se insatisfeito com a vida. Os prazeres mundanos não lhe saciavam as expectativas, e nem sequer o nascimento de sua filha, Verônica, foi capaz de lhe amadurecer o espírito.

Pronto uma obsessão instalou-se em seu interior: forjaria para si uma grande aventura a bordo de um veleiro. Quiçá conseguisse viajar até as míticas Ilhas Galápagos, deixando para trás toda uma vida de insucessos.

Contudo, sonhar é mais fácil do que realizar... e certamente mais barato. Como era de se prever, seu pai recusou-lhe os dois milhões e duzentos mil francos necessários para concretizar seus desejos. Alucinado, o rapaz planejou com alguns amigos assaltar a loja de um cambista e conseguir “por si” os meios que em casa lhe negavam.

Será demais repetir que sonhar é mais fácil do que realizar? O crime fracassou totalmente. Jacques agrediu o cambista, mas antes atirou em seu próprio dedo quando quis puxar o revólver que levava no bolso... Aos pedidos de socorro seguiu-se uma fuga desatinada, no meio da qual ele – que mal enxergava, pois havia perdido os óculos – teve a infelicidade de acertar um tiro no coração de um policial... Afinal, abandonado por seus cúmplices e encerrado numa estação de trem, foi aprisionado. O escandaloso crime indignou toda a França, e pro-

testos reclamando uma punição severa ao infeliz não se fizeram esperar.

No entanto, foi justamente atrás das grades da solitária que a vida deste rapaz sofreu um giro inesperado.

“Como forte ventania...”

“Eu não tenho fé, não vale a pena”, foram as primeiras palavras que dirigiu ao capelão da prisão. E nada fazia prever uma conversão. Entretanto, em um único instante, Deus despontou em seu horizonte de modo tão violento e peculiar que é preciso ouvir a própria narração de Jacques para acreditar:

“Estava uma noite em minha cela, há uns bons três anos. [...] Sofria realmente, pela primeira vez na minha vida com uma intensidade rara, por aquilo que me havia sido revelado a respeito de certas coisas de família... E foi então que um grito me rebentou do peito, uma espécie de pedido de socorro: ‘Meu Deus!’ E, instantaneamente, como forte ventania que passa sem que se saiba de onde vem, o Espírito do Senhor colocou o pé no meu pescoço.

“E verdade é que não se trata de uma simples imagem, porque se tem realmente a sensação de garganta apertada e de um Espírito que nos

invade; um Espírito demasiadamente forte para o invólucro que o recebe. É uma impressão de força infinita e de doçura que não se poderia suportar por muito tempo. E a partir desse momento acreditei, com uma convicção inquebrantável, que acabou por não me abandonar depois. Comecei a rezar e a dirigir os meus passos ao Senhor, com uma vontade alimentada por graças poderosíssimas”.¹

Jacques simplesmente “voltou a viver”. Assim escreve ele, na tentativa de explicar sua experiência: “Quando pela primeira vez o Senhor Se dignou visitar a minha alma e transmitir-lhe sua mensagem de amor, eu compreendi perfeitamente o que tinha a fazer e, se porventura eu houvesse de colocar por escrito o que me ficou na memória, poderia talvez escrever isto: ‘Meu filho, Eu te amei, mesmo a partir do primeiro dia em que tu Me começaste a ofender; e, sobretudo nesses mesmos momentos, o meu perdão sou Eu mesmo que te dou de um modo total e absoluto, e te darei muito mais ainda. Recebe o meu amor, saboreia o quanto Eu sou carinhoso para aqueles que Me invocam, e não tentes saber se sofres justamente ou não. [...] Não compreenderás, en-

tão, que a minha Cruz é o único caminho que conduz à vida eterna?’”

O despontar da Luz no pecador

“Alguém me salva contra a minha vontade. Alguém me retira do mundo, porque eu me iria perder nele; e eu nada fiz para merecer uma tal graça”, reconheceria ele. Como explicar o que sucedeu a Jacques?

A graça da conversão, afirmam os teólogos, é uma iniciativa irresistível de Deus na alma do pecador; e alguns autores² compararam essa insigne manifestação do poder e da misericórdia divina à própria obra da criação, identificando cada um dos sete dias com uma fase espiritual. Este simbolismo pode nos ajudar a compreender a conversão do jovem Fesch.

No princípio, “Deus disse: ‘Faça-se a luz!’ E a luz foi feita” (Gn 1, 3). De igual forma, no primeiro dia da conversão é o Senhor quem decide projetar sua Luz, fazendo-a brilhar no interior do coração. Para Jacques, esta sublime presença lhe arrancava profundas exclamações de júbilo e gratidão: “Alegria, alegria. Se eu pudesse transcrever neste papel todas as graças que tenho recebido! Quem po-

derá descrever o amor de Deus pelas suas criaturas?”; “Jesus está aqui junto de mim, quase palpável. Desde que O chame, logo sua doçura me invade e fico cheio de alegria”.

Note-se que Jacques escreveu essas linhas nos últimos meses de sua vida, com a perspectiva de uma condenação à morte! Nada pôde ofuscar as graças recebidas na conversão.

Uma terra fértil que produz frutos

Iluminada, pois, com a Luz divina e unida a Deus num “céu interior” (cf. Gn 1, 6-7), a terra aparece e é separada das águas (cf. Gn 1, 9-10), o que simboliza que a alma não está mais submersa nas águas da concupiscência e se torna uma terra fértil que produz frutos de generosidade, amor à cruz e humildade no árduo caminho da santificação.

Nas linhas de seu diário é impossível reconhecer o antigo Jacques, tão modificado está seu coração, tão temperado na dor e tão consciente do processo purificador pelo qual haveria de passar: “Não devo esquecer-me de quem sou, do que fiz e daquilo que faria, se o Senhor me entregasse um pouco que fosse a mim mesmo. Tenho uma natureza corrompida e avariada, e tenho sobretudo de me aplicar em reformá-la”.

Mas o amor e os desejos de perfeição só se concretizam através das obras, e Jacques tinha grandes coisas por realizar antes de morrer, a fim de oferecer ao Senhor os frutos de seu jardim espiritual. “Fiz progressos nas minhas orações e fiz o propósito de um bom aproveitamento do tempo austero, a que não quero faltar, sob pretexto algum”.

Uma assídua vida de oração lhe deu forças para embarcar na difícil travessia, e com heroica generosidade começou por renunciar às minúsculas comodidades da prisão: eliminou guloseimas e refeições cozidas, sacrificou horas de sono e atacou logo depois o seu pior vício, o tabaco:

“Não é que um cigarro possa ter qualquer importância, em si; mas eu



Reprodução

O escandaloso crime indignou toda a França, e protestos reclamando uma severa punição ao culpado não se fizeram esperar

Jacques Fesch pouco depois de ser preso, em fevereiro de 1954



Nas linhas de seu diário é impossível reconhecer o antigo Jacques: “Que cada gota do meu sangue sirva para apagar um grande pecado mortal e que a justiça divina seja completamente acalmada”

Fesch em 1957; acima, guilhotina na qual foi executado

tenho um tal desejo dele que, se tivesse força de vontade para deixar de fumar, e o fizesse, esse sacrifício seria mais agradável a Jesus. [...] Coragem! Com um pouco de vontade, tudo conseguimos! Há dez dias, fumava vinte cigarros; agora, dez; e, na próxima semana... talvez nenhum! Eu bem o desejaría: tenho tão pouco tempo à minha frente!"

Regadas com não poucos sacrifícios, vencendo insensibilidades e provações, essas resoluções tornaram-no cada vez mais generoso para aceitar as renúncias que se lhe apresentavam, e como corolário de sua total entrega a Deus Jacques buscou abençoar sacramentalmente sua união com Pierrette, mãe de Verônica, antes de morrer.

O luminoso sol da caridade

No quarto dia, o sol toma seu lugar nesta criação (cf. Gn 1, 14-19), ou seja, a caridade inunda o coração convertido; a lua e as estrelas, que são a fé e as virtudes, brilham de modo especial nele. Do amor que sentia descer sobre si, Jacques hauriu forças que se traduziram em resignação à vontade de Deus e em ânsias de apostolado.

“Querida Verônica, Jesus deseja essa morte. Se Ele me raptá ao seu

coração de filhinha, é porque julga preferível, para o bem de todos nós, chamar-me para junto de Si. E quanto melhores coisas Ele mesmo será capaz de te dar, o que eu jamais poderia fazer! Confiança, confiança no amor de Jesus”, escreveu à sua filha.

Além de sua esposa, Jacques começou a atrair a Deus parentes e prebendários, um dos quais recebeu o Batismo graças a seu exemplo. Quando foi executado, os detentos decidiram pôr-se em silêncio durante todo o dia, em homenagem àquele jovem que em tão pouco tempo os tinha edificado tanto.

No mar da misericórdia... rumo aos píncaros eternos!

No quinto dia (cf. Gn 1,20-21), nascem os peixes e as aves; o pecador convertido nada nas águas da misericórdia de Deus; e, como águia, avança velozmente em direção às montanhas eternas:

“Quando rezo, sinto-me arrebatado para fora de mim mesmo e não posso deixar de contemplar ou meditar, esquecendo-me até de respirar. Quando a alma se alegra, o corpo fica morto e nada mais conta do que os beijos que se enviam para o Céu. Meu Senhor e meu Deus!”

O último dia e o descanso no Senhor

Afinal raiou o dia marcado para a execução: 1º de outubro. Jacques já recuperara o estado de graça e restaurara, pois, em si a dignidade do homem feito à imagem e semelhança de Deus no sexto dia da criação (cf. Gn 1, 27-28); chegava o momento de descansar, à semelhança do Senhor no sétimo dia, ao contemplar a obra de suas mãos (cf. Gn 2, 2).

Como terá sido o encontro de Fesch com seu Deus e Salvador? É uma surpresa que só conheceremos no último dia...

Deixamos aqui apenas alguns trechos do final de seu diário. Sirvam eles para nós como penhor de confiança no poder ilimitado de uma autêntica conversão:

“Último dia de luta; amanhã, a esta hora, estarei no Céu! O meu advogado acaba de me dizer que a execução se realizará amanhã, pelas quatro horas da manhã. Que se faça a vontade do Senhor em todas as coisas! Tenho confiança no amor de Jesus e eu sei que Ele mesmo ordenará aos seus Anjos que me levem em suas mãos. [...]

“Que cada gota do meu sangue sirva para apagar um grande pecado mortal e que a justiça divina seja completamente acalmada. Que ninguém se perca por causa de mim, mas que toda ação, todo pensamento, toda palavra sirvam para glorificar o nosso Deus”. ♣

¹ Os dados biográficos e citações contidos neste artigo foram tomados do diário escrito por Jacques Fesch nos últimos meses de prisão como testamento espiritual para sua filha, Verônica: FESCH, Jacques. *Em cinco horas verei a Jesus*. Niterói: Thomas More, 2021.

² A esse respeito ver: CORNÉLIO A LÁPIDE. *La conversión*. Quito-Miami: Jesús de la Misericordia; Fiat Voluntas Tua, 2012, p.19-20.



Eu também preciso me converter?!

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

§ 545 Jesus convida os pecadores para a mesa do Reino: “Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores” (Mc 2, 17). Convida-os à conversão sem a qual não se pode entrar no Reino, mas por palavras e atos, mostra-lhes a misericórdia sem limites do seu Pai para com eles e a imensa “alegria que haverá no Céu, por um só pecador que se arrependa” (Lc 15, 7). A prova suprema deste amor será o sacrifício da sua própria vida, “pela remissão dos pecados” (Mt 26, 28).

O convite feito por Nosso Senhor no trecho de São Marcos recolhido pelo *Catecismo* se nos afigura como dirigido às pessoas que vivem alheias à Igreja Católica, na prática habitual dos pecados mais diversos, e que, portanto, precisam se converter de suas obras más.

Contudo, quem recebeu as sagradas águas purificadoras do Batismo, pratica os Mandamentos de Deus e da Igreja, frequenta os Sacramentos, reza, comunga... não deixou de ser pecador? Já passou do paganismo para a Fé, da perversidade para a virtude, e parece não necessitar de conversão. Será bem assim?

O Discípulo Amado nos acautela: “Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós. Se reconhecermos nossos pecados, então Deus Se mostra fiel e justo, para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda iniquidade” (I Jo 1, 8-9). E o grande São Paulo afirma: “Jesus Cristo veio a este mundo para salvar os pecadores, dos quais sou eu o primeiro” (I Tim 1, 15).

Há obras injustas, como as referidas pelo Apóstolo (cf. I Cor 6, 9-10) e

muitas outras igualmente merecedoras do inferno; são os *pecados mortais*.¹ Entretanto, há também faltas menos graves, mas que ofendem a Deus, denominadas *pecados veniais*,² os quais todo homem concebido em pecado original comete cotidianamente, não raras vezes quase sem se dar conta.... E ainda há atos menos conformes ao



O que distingue o pecador empedernido de quem procura praticar a virtude é o constante desejo de se reerguer

“A repreensão”, por Claudio Jacquand - Museu de Belas Artes, Rouen (França)

querer divino para determinada pessoa em determinada circunstância, chamados *imperfeições*.

Salomão recorda que “o justo cai sete vezes” ao dia, “mas ergue-se, enquanto os ímpios desfalecem na desgraça” (Pr 24, 16). O que, sobretudo, distingue o pecador empedernido de quem procura praticar a virtude é o constante desejo de se reerguer, de crescer no amor a Deus, de se tornar santo.

Cabe, pois, àquele que deseja praticar a Lei Divina esforçar-se por jamais cometer não apenas pecados veniais, mas também imperfeições, e assim ter o templo de seu coração mais santo que o Templo de Jerusalém. Com efeito, a alma do justo resplandece não com o brilho do ouro ou da prata, mas com o da graça do Espírito Santo; e em vez de ter uma Arca e Querubins, a inhabitam Cristo, seu Pai e o Paráclito.³ ✡

¹ Cf. CCE 1854-1861.

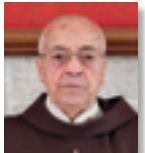
² Cf. CCE 1862-1863.

³ Cf. SÃO JOÃO CRISTÓSTOMO. Première exhortation à Théodore après sa chute. In: *Œuvres Complètes*. Paris: Louis Vivès, 1865, t.I, p.22.



Não seja louco!

Será que o gênero humano pode mesmo ser classificado em duas categorias: a dos sábios e a dos loucos?
Leia e opine.



» Severiano Antonio de Oliveira

Convido o leitor a julgar as três seguintes sentenças:

“Duas coisas são infinitas: o universo e a estultice humana; mas, no tocante ao universo, ainda não tenho certeza absoluta”.

“Não é terrível o fato de a inteligência humana ter limites tão estreitos e a loucura humana ser ilimitada?”

“A estupidez humana é a única coisa que nos dá uma ideia do infinito”.

Por muito duras que soem essas palavras aos nossos ouvidos, elas não se afiguram de todo intoleráveis por duas razões. A primeira é que, pertencendo ao engenho humano – mais especificamente a três famosos gênios de diversas áreas: Einstein, Adenauer e Ernest Renan, nesta ordem –, recebem o paliativo próprio da autoavaliação. O segundo motivo está em que cada qual aplica tais assertivas a todos menos a si. Afinal alguma exceção deve haver...

Será?

O que é a loucura?

Para responder a esta angustiante questão, devemos antes sanar uma outra: o que entendemos aqui por estultice, estupidez ou loucura humanas?

Obviamente que não as compreendemos, neste contexto, como um estado patológico da mente que leva o homem a agir de forma desconexa e

despropositada, impedindo-o de viver em sociedade. Tratar-se-ia então de uma enfermidade, na qual, na maior parte dos casos, não cabe culpa.

As frases transcritas no início deste artigo fazem menção, isto sim, a outro tipo de loucura, análoga à definida no parágrafo anterior, mas muito mais generalizada, porque aparentemente inócuas, e muito mais perigosa, porque culposa. Que loucura é esta? É a que se patenteia num ser que atua de modo contrário à sua natureza.

Se uma zebra caçasse um leão e um leão se deixasse caçar, diríamos estarem loucos. Apodaríamos também de louca uma árvore que criasse folhas subterrâneas e estendesse as raízes para o sol. Ora, o que seria a loucura no homem? O que seria senão uma irracionalidade? Pois se aquilo que lhe é próprio, o que o distingue de todos os animais, é a razão, então, estará louco desde que não aja conforme a ela. Como a zebra carnívora e o leão covarde, é louco o homem que não se governa pela razão, mas apenas pelos impulsos animais, pelas modas do tempo, pelos caprichos do temperamento, etc.

Precisamos de exemplos?



“Reunião com ponche”, por Ludwig von Zumbusch

*Louco é o homem que
não se governa pela
razão, mas apenas
pelos impulsos animais,
pelos modas do tempo,
pelos caprichos do
temperamento*

Algumas constatações diárias

Dois colegas de faculdade, dotados ambos de notável inteligência: um deles estuda seriamente, torna-se um profissional competente, é contratado para ser diretor de uma grande empresa; o outro prefere “aproveitar a juventude”, leva uma vida de divertimentos e, no final do curso, tem de resignar-se a um emprego ordinário na mesma empresa. Qual dos dois agiu como louco? O que se aconselhou com a razão ou o que obedeceu aos impulsos da sensibilidade?

Uma pessoa serve de cabide para cada moda que entra e sai, sem sequer pôr-se aquela tão preciosa pergunta, apanágio do espírito humano: por quê? Não parece inusitado ver aqui certo sintoma de loucura...

Alguém que arruina um matrimônio – e a educação dos filhos, portanto – por preferir dobrar-se ante sua birra que diante de seu cônjuge, obedece à razão ou à paixão? A sanidade ou à loucura?

Submeter-se à máquina, escravizar-se à tecnologia, consumir inutilmente tempos tão extensos quanto preciosos diante de uma tela, deixar que se multipliquem inteligências ditas artificiais em detrimento da inteligência natural que vai minguando à falta de uso...

Enfim, para não nos alongarmos em constatações talvez corriqueiras, não é grande loucura perder a fortuna num empreendimento mal planejado? E não será mais grave ainda – pois a vida vale muito mais do que a riqueza – afundar-se nos vícios, seja do álcool, da volúpia ou tantos outros, que reduzem o indivíduo a um trapo humano e o arrasta à morte prematura?

Todas essas atitudes supõem abdicar dos preceitos da razão; da natureza humana, em suma.

O pior dos males

Mas a pior de todas as loucuras – pois que acarreta efeitos muito mais nocivos e é, no fundo, o resumo potenciado de todas as outras – ainda não apresentamos. Ou, por outra, apresentamos sim, mas não pelo nome: chama-se pecado.

O remédio para a loucura do pecado se personificou em “Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos”

De fato, explicar-nos-á o Doutor Anjelico, “o pecado consiste naquilo que contraria a ordem racional”¹ em grau máximo, rebaixando assim o homem à “escravidão dos animais”.² O grande ser humano, aquele que é a chave de cúpula da criação, a ponte que abraça os dois mundos, o físico e o imaterial... ei-lo reduzido ao mero estado animal; revoltado, portanto, contra a sua natureza superior, a espiritual.

Quem abraça o pecado renuncia ao que seria a sua felicidade suprema, fugindo assim daquilo que busca. Compra por um prato de lentilhas e meia dúzia de alegrias terrenas um destino eterna e irremediavelmente infeliz.

Um remédio paradoxal

Entretanto, enquanto vivemos neste mundo há remédio para o mal do pecado. E não nos referimos especificamente à Confissão e demais Sacramentos, à oração, à penitência... Na verdade, todos esses recursos fazem parte de um único tratamento.

Paradoxalmente, a loucura do pecado só se cura pela loucura – ó bem-aventurada loucura – que fez Deus descer à terra, que anima os Santos e que impulsiona os verdadeiros heróis: a loucura da Cruz, pregada por São Paulo (cf. I Cor 1,18-2,16).

Esta sã insensatez consiste, como a outra de que tratamos, em contrariar a natureza? Não em negar, mas em sublimar: “A graça não suprime a natureza, mas a aperfeiçoa”.³ Por ela o homem



Juan Carlos Villagomez

Crucifixo - Coleção particular

deixa sua natureza meramente material para lançar-se no universo do espiritual, do invisível, do divino; abandona os instintos que compartilha com os irracionais para viver dos impulsos sagrados da fé; chega muitas vezes a renunciar até aos laços do sangue para ser inteiro da família de Deus. Se com o pecado o homem se animaliza, pela santidade ele se diviniza.

O remédio para a loucura do pecado se personificou na Sabedoria Encarnada, em “Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos” (I Cor 1, 23), e curam-se aqueles que a Ele se configuram pela sabedoria da Cruz.

* * *

Fica em pé a fatal questão posta pelas três frases que introduziram o artigo: será de fato infinita a estultice humana, a humanidade pode dividir-se entre os que são loucos e os que não o são?

Opinem os leitores, estão abertos os debates. ♣

¹ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, q.153, a.2.

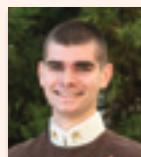
² Cf. Idem, q.64, a.2, ad 3.

³ Idem, I, q.1, a.8, ad 2.



Uma árvore robusta e frondosa

Se as tempestades tornam os frutos de uma árvore mais saborosos e os ramos mais vigorosos é porque, na sua origem, as raízes enfrentaram a tremenda escuridão do solo e a dureza impenetrável das rochas.



✉ Fernando Joaquim Costa Mesquita

Atarefa de narrar a história de um fundador assemelha-se ao trabalho de um botânico que busca descrever a origem de uma árvore secular. Facilmente pode ele constatar o sabor dos frutos, o esplendor das folhas, a robustez dos ramos, mas... como penetrar nas raízes? Certo é que, quando prorrompe uma tempestade, muitas folhas caem, a colheita fica comprometida, os ramos oscilam; entretanto, se as raízes são profundas, a árvore perdura. Delas depende toda a vitalidade do conjunto.

Procuremos, então, discorrer sobre uma árvore frondosa, cuja raiz é peculiar por estar dividida em sete ramificações. Sim, trata-se de uma Ordem com sete fundadores, os quais, tão unidos foram em vida, que a Igreja os uniu também numa única celebração litúrgica.

A grande visão

Tudo começou no dia 15 de agosto de 1233, na cidade italiana de Florença, onde alguns devotos de Nossa Senhora reuniram-se, como de costume, na *Compagnia dei Laudesi*, uma confraria dedicada a cantar os louvores da Santíssima Virgem.

Depois da Celebração Eucarística, um piedoso confrade de nome Bonfi-

lho Monaldi foi arrebatado em êxtase: viu a Mãe de Deus cercada de esplendores, sentada num trono magnífico e rodeada de Anjos, radiante de beleza inimaginável, que lhe dizia: “Deixai tudo, meus filhos, deixai parentes, família, bens, ficai prontos para Me seguir e fazer em tudo minha vontade”¹.

Terminada a visão, percebeu que a igreja se esvaziava, enquanto outros seis confrades – todos eles prósperos comerciantes, como Bonfilho – permaneciam ajoelhados e banhados em lágrimas. Eram eles: Bonajunta Manetti, Maneto Dell'Antella, Amadeu Amidei, Hugo Uguccioni, Sóstenes Sostegni e Aleixo Falconieri. Ao narrar o sucedido àqueles jovens fidalgos, cada qual confirmou que tivera a mesma visão e ouvira o mesmo chamado da Santíssima Virgem.

Os sete resolveram atender ao apelo da esplendorosa Senhora. Informaram o piedoso capelão dos *Laudesi*, o qual os conduziu ao Bispo de Florença, Dom Ardengo Trott, que por sua vez reconheceu a origem sobrenatural da comunicação.

“Eis os servos de Maria!”

Após grandes lutas encontraram uma casa solitária cercada por terre-

no amplo, chamado *Villa Camarzia*, num subúrbio de Florença. No dia 8 de setembro, festa da Natividade da Santíssima Virgem, estabeleceram ali seu primeiro eremitério.

Tudo era pobre e humilde; o silêncio reinava, somente interrompido pelas orações à Santíssima Virgem. Bonfilho foi escolhido como superior.

Florença comoveu-se vendo aqueles gentis-homens de outrora mendigarem pelas ruas: “Às ironias sucediam-se louvores e edificação do povo. [...] Se alguns lançavam ao ridículo aquela vida original dos sete fidalgos, a maioria se curvava reverente e edificada com tanta virtude em meio a tanta corrupção e escândalos daquela Florença pecadora e orgulhosa”².

Villa Camarzia e outra moradia que ocuparam em Cafaggio, nos arredores da cidade, logo se tornaram um foco de espiritualidade, e o povo devoto ou curioso para lá acorria em busca dos novos religiosos, a fim de pedir-lhes conselhos e orações.

Passados alguns meses de vida comunitária, deu-se um fato singular. Hugo e Sóstenes estavam em Florença mendigando. Em certo momento, algumas crianças começaram a aclamá-los com vozes claras e distintas: “Eis

os Servos de Maria! Dai esmola aos Servos de Maria!"

Esse fato lhes cunhou o título que perdura até os nossos dias: Servos de Maria ou Servitas.

Recolhidos na montanha sagrada

Aos poucos, o pequeno convento tornou-se um concorrido centro de peregrinação, no qual não faltavam as mostras de estima e veneração dos visitantes... E os humildes eremitas ali reunidos sentiram necessidade de fugir desses louvores.

Certa noite os sete sonharam com uma montanha iluminada, reconhecendo tratar-se do Monte Senário.³ Consultaram Dom Ardengo, e este lhes confirmou a mensagem celeste e doou o terreno, pois era propriedade do bispado.

No dia 1º de junho de 1234, festa da Ascensão do Senhor, eles partiram para o lugar que ficaria conhecido como o berço da Ordem dos Servitas. O local era ideal. Ali levantaram algumas celas segundo o modo camaldulense e passaram a viver unicamente para Deus e sua Santíssima Mãe.

Por essa época, o confessor dos *Laudesi*, Pe. Tiago de Poggibonsi, também sentiu o chamado divino e, edificado por seus dirigidos, os acompanhou naquela vida santa.

A chegada de um sacerdote naquele local afastado foi providencial. Diariamente o Pe. Tiago celebrava a Missa num pequeno oratório. Em seguida, os eremitas se dedicavam a trabalhos manuais, leitura das Sagradas Escrituras e estudos. Faziam ásperas penitências, comiam pouco, falavam somente o necessário e em voz baixa, e procuravam todos os meios de louvar e servir a Santíssima Virgem.

A vinha mística

Os dias transcorriam nessa rotina cumulada de bênçãos. Os sete deseja-

vam apenas continuar naquela vida austera, pervadida de piedade e recolhimento, sem pretensões de receber mais companheiros. Entretanto, Dom Ardengo não se conformava com essa resolução e lhes aconselhou a aceitar noviços.

Um milagre veio ratificar a opinião do prelado: no inverno de 1240 a neve se estendia pela região como um manto, quando uma das vinhas plantadas na encosta do monte amanheceu toda

aquele núcleo inicial e dedicar-se ao apostolado.

Um hábito entregue pela Santíssima Virgem

Transcorridos sete anos de silêncio naquele abençoado monte, outro acontecimento veio completar os elementos para o pleno desabrochar da nascente família religiosa.

Era a Sexta-Feira Santa de 1240 e os sete experimentaram um arroubo místico: viram Nossa Senhora, resplandecente de beleza incomparável, mas refletindo grande tristeza em seu semblante.

Parecia vir do Sepulcro de Nosso Senhor, banhada em lágrimas, e tinha nas mãos um hábito religioso da cor do luto, o negro. Em torno da Virgem havia muitos Anjos, alguns dos quais portavam emblemas da Paixão, outro trazia em letras de ouro as palavras *Servos de Maria*, e um terceiro ostentava uma linda palma.

Extasiados, escutaram Nossa Senhora dizer: "Eu sou a Mãe de Deus. Ouvi a oração que tantas vezes Me dirigistes. Eu vos escolhi por meus servos porque sob este nome cultivareis a vinha de meu Filho. Vede o hábito que doravante haveis de trazer. A sua cor negra indica as dores que experimentei, especialmente neste dia, pela Morte de meu único Filho Divino. Segui a regra de Santo Agostinho a fim de que, adornados com o título glorioso de meus servos, possais assegurar como prêmio a palma da vida eterna".⁴ Após essas palavras, a Santíssima Virgem desapareceu.

Ficava assim definida a missão da Ordem, confirmando a interpretação dada ao fato prodigioso da vinha. Numa cerimônia simples, Dom Ardengo abençoou os novos hábitos e revestiu os primeiros Servos de Maria com o manto sagrado da Virgem das Dores. Ademais, julgou conveniente conferir-lhes a honra do sacerdócio para



Francisco Lecaros

"Eu vos escolhi por meus servos. Vede o hábito que doravante haveis de trazer. A sua cor negra indica as dores que experimentei pela Morte de meu Filho"

Nossa Senhora entrega o hábito da Ordem dos Servitas aos sete fundadores - Igreja de Nossa Senhora das Dores, Córdoba (Espanha)

verdejante, coberta de folhas e vergada pelo peso dos frutos maduros.

A comunicação do Céu era patente: à semelhança de uma árvore vicejante, que estende suas raízes na escuridão do solo enquanto seus ramos se desenvolvem à luz do dia, eles deviam, sem deixar a vida eremítica, expandir



Pelo exemplo dos Sete Fundadores, a Ordem floresceu, produzindo incontáveis frutos de santidade. Tal foi a união que eles conservaram nesta vida, que a Santa Igreja os manteve unidos na canonização e na celebração litúrgica

poderem exercer um apostolado mais eficaz. Apenas Aleixo, por humildade, preferiu permanecer leigo, embora fosse muito douto.

A Ordem se propaga

Naquela época a Itália encontrava-se numa lamentável situação moral e religiosa, e muitos eram os que, desiludidos com o mundo, procuravam refúgio na vida monástica.

Bonfilho compreendeu que era necessário cuidado na escolha dos candidatos a ingressar na Ordem. Exigia muita piedade e boa formação antes de os revestir do hábito sagrado, tratando-os como uma planta que, para dar bons frutos, primeiro precisa ser bem podada.

A obra se ramificava e as fundações se sucediam: a cidade de Siena recebeu com carinho os Servos de Maria em 1243, Pistoia os acolheu em fevereiro de 1244, e pouco depois foi a vez de Arezzo. Nesses locais o clero e o povo puderam comprovar o abrasado zelo pelas almas que animava aqueles homens.

Chancela de Roma à nova Ordem

Os Servitas já se estendiam por várias cidades; contudo, faltava-lhes a aprovação de Roma.

Por esse tempo, o Papa Inocêncio IV pensava em reduzir o número das Ordens Religiosas, por julgar haver demasiadas. Inspirado no Concílio de Latrão, desejava que os institutos com

mesma regra ou finalidades semelhantes se fundissem. Seu sucessor, Alexandre IV, tornou-se ainda mais exigente nessa matéria.

Neste contexto, o Pe. Bonfilho expôs a causa dos Servos de Maria a um Cardeal que passava pela Toscana. Este tomou a Ordem sob a sua proteção e aprovou tudo quanto havia feito o Bispo de Florença.

Afinal, a aprovação definitiva veio por uma carta apostólica, em junho de 1256.

Bonfilho reuniu o capítulo para anunciar a graça recebida. E, aproveitando a ocasião, renunciou ao cargo de Superior Geral. Sentia ele que as forças já lhe faltavam e desejava preparar-se melhor para a morte no silêncio e na oração. Nomeou como seu sucessor Bonajunta Manetti.

São Bonajunta Manetti

Depois do capítulo, Bonajunta visitou com sacrifício as casas da Ordem, caminhando a pé. Menos de um ano depois, ficou gravemente enfermo.

No dia 31 de agosto de 1257, como ele mesmo havia profetizado, chegou a hora de sua morte. Reuniu os servitas e, após a Celebração Eucarística, mandou ler o Evangelho da Paixão. Ao ouvir o trecho “Nas vossas mãos, Senhor, encomendo o meu espírito”, últimas palavras proferidas por Jesus, o Santo expirou suavemente. Foi se-

pultado com muita veneração junto ao altar.

Depois desses fatos, o capítulo escolheu para novo Geral o Pe. Tiago de Poggibonsi, antigo diretor espiritual dos *Laudesi*.

São Bonfilho Monaldi

Após sua renúncia, São Bonfilho viveu recolhido no Monte Senário por cinco anos. No dia 1º de janeiro de 1262 os religiosos, tendo cantado as Matinas, ouviram uma voz dizer: “Vem, Bonfilho, vem, servo bom e fiel, receber a recompensa que te espera, e entra na alegria do teu Senhor!”

Nesse mesmo instante, ele entregou sua alma a Deus. Seu rosto resplandecia, e um perfume suavíssimo se espalhou pelo convento. Tão sensíveis se fizeram os sinais de bem-aventurança que ninguém tinha coragem de cantar o *Requiem*, pela certeza de ele já estar na glória.

São Maneto Dell'Antella

Alguns anos depois da partida de São Bonfilho, em junho de 1265, o Pe. Tiago renunciou ao cargo de superior e indicou São Maneto para quarto Geral. Este governou a Ordem por dois anos: aumentou as províncias, operou diversos prodígios, curou enfermos e expulsou muitos demônios.

Em 5 de julho de 1267, ele também entregou o cargo de Superior Geral. Su-



Da esquerda para a direita: São Bonajunta, Santo Amadeu, São Sóstenes, São Bonfilho, São Maneto, Santo Hugo e Santo Aleixo - Santuário de Santa Maria do Monte Bérico, Vicenza (Itália)

geriu Frei Filipe Benizi para seu sucessor, o qual foi confirmado pelo capítulo.

No dia 20 de agosto do mesmo ano, sentindo que era chegada a hora de partir para o Céu, São Maneto entoou hinos a Maria Santíssima com terna devoção e expirou suavemente, nos braços de São Filipe.

Santo Amadeu Amidei

Santo Amadeu foi chamado, por seus milagres e curas, o médico dos pobres. Conta-se que, certa vez, ressuscitou um menino de oito anos que se tinha afogado num poço.

A morte o encontrou num êxtase de amor, no dia 18 de abril de 1266. Nessa ocasião, deu-se um fato singular: logo que ele expirou, enormes chamas de fogo cercaram o Monte Senário. Parecia um incêndio devorador, que tudo consumiria, mas o fenômeno durou poucos instantes. Tratava-se certamente de uma imagem das labaredas de amor que abrasavam o coração do Santo.

Repousou no Monte Senário, junto a seus companheiros.

Santo Hugo e São Sóstenes

Hugo e Sóstenes eram grandes amigos, ambos de ilustres e fidalgas famílias florentinas. Tiveram de se separar quando São Filipe os enviou para o estrangeiro, a fim de pregarem o Evangelho e a devoção à Virgem das Dores em outras terras.

Nomeado Vigário Geral na França, Sóstenes tanto edificou o povo com suas virtudes e pregações que o Rei Filipe III dele disse: “O Vigário Geral da Ordem dos Servitas é um homem ilibado de costumes, um santo”.

Hugo foi enviado à Alemanha, onde converteu muitos pecadores e fundou diversos conventos, deixando por toda parte fama de grande santidade.

Depois de anos de apostolado, em 1282 ambos foram chamados a Florença. Exaustos após tantas lutas, desejavam um período de silêncio e oração no tão saudoso Monte Senário.

Enquanto subiam a montanha, uma inspiração interior lhes dizia que haveriam de morrer na mesma ocasião e que esta hora estava bem próxima.

No dia 3 de maio de 1282, enquanto rezavam à Virgem Santíssima, a morte veio buscá-los. Juntos haviam lutado e servido a Mãe de Deus, e juntos a Ela se uniram no Céu.

Santo Aleixo Falconieri

Após essa dupla morte, só restava no mundo Santo Aleixo. Ele era nobre e homem de eminente cultura. Converteu muitos pecadores em Florença, tinha grande amor à virtude da pureza e castigava sempre o corpo com duras penitências. Vivia mais no Céu do que na terra.

Durante setenta e sete anos de vida religiosa foi modelo de observância e de fidelidade à regra. Chegou à idade

de cento e dez anos e ainda trabalhava e se penitenciava. Tornou-se a crônica viva da Ordem: Deus o conservou para que transmitisse às gerações posteriores as belas tradições da fundação.

Estando no leito de morte, Jesus lhe apareceu sob a forma de menino.

Unidos no tempo e na eternidade

Nos anos posteriores, com os sete fundadores e muitos outros membros no Céu, a Ordem floresceu de modo admirável e produziu incontáveis frutos de santidade.

Os processos de beatificação e canonização dos fundadores, a princípio desenvolvidos em separado, foram unidos durante o pontificado de Leão XIII como consequência de um milagre ocorrido pela invocação conjunta dos sete. Assim, se estudou simultaneamente e em uma só causa as virtudes de todos, até que em 15 de janeiro de 1888 o Papa os inscreveu no catálogo dos Santos da Igreja. Tal foi a união que eles conservaram nesta vida, que a Santa Igreja os manteve unidos na canonização e na celebração litúrgica.

Se uma árvore pode ser conhecida por seus frutos, é porque estes constituem a prova mais sensível da qualidade da seiva que lhes veio das raízes. O fato de os frutos se tornarem mais saborosos e os ramos mais vigorosos, apesar das tempestades dos séculos, atesta que, na origem, as raízes enfrentaram a escuridão do solo e a dureza das pedras, produzindo, assim, maravilhas no jardim na Igreja. ♦

¹ Cf. BRANDÃO, Ascânia. *Os Sete Santos Fundadores da Ordem dos Servos de Maria*. São Paulo: Ave-Maria, 1956, p.15.

² Idem, p.20.

³ O Monte Senário, com seus 817 metros de altitude, estava a dezoito quilômetros de Florença.

⁴ Idem, p.32.



Dona Lucilia está realmente ao meu lado!

Embora não possamos vê-la com as vistas corporais, sabemos que está ao alcance de nossas orações invocar sua presença junto a nós, para lhe fazer nossos pedidos.



✉ **Elizabeth Fátima Talarico Astorino**

Na suavidade de um sorriso ou numa discreta intervenção; como uma mão amistosa que tranquiliza ou um braço forte que sustenta; por uma singela inspiração interior que equivale a um salutar conselho... Enfim, por diversos modos o auxílio maternal de Dona Lucilia se faz sentir até a pessoas que não a conhecem!

Certos de que, ao nosso lado, esta boa mãe intercede por nós nos combates e nas necessidades do dia a dia, vejamos mais alguns depoimentos enviados por devotos seus, almas que, de alguma forma, sentiram-se amparadas sob o seu xale lilás.

Uma penosa situação financeira...

Da. Olga Lucía Gracia Bello, da cidade colombiana de Carmen de Apí-

Dona Lucilia venceu as dificuldades financeiras, que para Da. Olga e seu esposo pareciam insolúveis, e ainda os ajudou a conseguir uma casa

calá, envia-nos um relato para testemunhar sua profunda gratidão a Dona Lucilia que, em meio a um mar de dificuldades, acendeu uma luz de esperança em sua vida.

Da. Olga e sua família atravessavam uma situação financeira muito crítica. Seu esposo prestou serviços durante cerca de seis meses a uma empresa de construção sem receber o pagamento devido, acumulando um montante de quase cem mil reais. Isso deixou a família numa situação tão precária que



Fotos: Reprodução

Da esquerda para a direita: fundamentos da nova casa de Da. Olga e seu esposo; o casal com uma foto de Dona Lucilia

ela se viu obrigada a tecer ponchos e bolsas típicas a fim de conseguir, mediante a venda de tais peças, o mínimo indispensável para o sustento diário.

Estava ela nessa dura labuta quando recebeu uma chamada telefônica de uma irmã dos Arautos do Evangelho, perguntando-lhe se poderia receber em sua casa a visita do Oratório do Imaculado Coração de Maria, que estava de passagem pela cidade. Muito surpresa, Da. Olga respondeu: "Como me pedem permissão para que a Virgem venha à minha casa, quando sou eu que estou precisando d'Elas e agradecendo-Lhe por Ela olhar para nós, por escolher nossa casa, quando há tantas outras famílias?!"

No momento da partida das irmãs com o oratório, Da. Olga relatou-lhes a terrível conjuntura financeira em que se achava e a grande necessidade que tinha de encontrar uma saída. Uma delas sugeriu-lhe pedir ajuda a Dona Lucilia, contando-lhe um pouco de sua história e dos numerosos favores obtidos por pessoas que a ela recorrem.

Poder-se-ia dizer que os casos desesperados são bem a especialidade desta extremosa senhora... fato que Da. Olga parece ter percebido de imediato. Decidiu então fazer uma novena a Dona Lucilia, confiando que a solução de seu problema viria por meio dela.

...e uma casa nova!

Eis suas palavras:

"Comecei a novena e, no terceiro dia, ligou um engenheiro interessado em comprar uma retroescavadeira que estávamos vendendo. Meu esposo queria vendê-la, porque estava cansado de trabalhar e perder dinheiro com ela. Tínhamos também um terreno à venda, em Carmen de Apicalá; queríamos vender as duas coisas juntas, porque precisávamos pagar outras dívidas".



Reprodução

Da. Andresa e seu filho João

A semelhança do nome da enfermeira com o de Dona Lucilia valeu para Da. Andresa como um sinal de que ela a ajudaria naquela dramática situação

Em dois dias de conversa entre o engenheiro e o esposo de Da. Olga, concluiu-se o negócio da retroescavadeira: "Eles combinaram que meu marido lhe daria a escavadeira e ele iria construir uma casa para nós em Carmen de Apicalá. Pagou também uma parte em dinheiro – quase vinte e oito mil reais – e foi assim que saldamos nossas dívidas. No terceiro dia Dona Lucilia nos obteve o 'milagre' que tanto estávamos pedindo!"

Quando Da. Olga enviou seu relato, tinham já sido lançados os fundamentos da nova residência, e seu

esposo estava trabalhando na construção com a própria escavadeira que vendera, como parte do contrato. Dona Lucilia, enfim, venceu dificuldades financeiras que pareciam insolúveis, e ainda os ajudou a conseguir uma casa.

Da. Olga encerra suas palavras com um caloroso agradecimento: "Sou-lhes muitíssimo agradecida por seu tempo, por terem fixados seus olhos em nossa família. Muitíssimo obrigada. Que Deus os abençoe muito".

Um providencial encontro

Há certas situações de extrema angústia, de perigo ou de medo nas quais qualquer pessoa tem dificuldade em confiar e abandonar-se nas mãos de Deus. Em tais circunstâncias, nada como manter nossos corações ancorados na fé. Conservando firme essa virtude, também podemos ser auxiliados pela devoção a Dona Lucilia, pois esta mãe extremosa sabe muito bem cuidar de seus filhos nos momentos de grande aflição, dando a cada um o remédio, o conselho ou, simplesmente, o apoio necessário para superar as adversidades.

Esta é uma das lições que podemos tirar do relato enviado por Da. Andresa Aparecida Pinheiro Rebelo, natural de Nazaré Paulista, casada e mãe de três filhos. Ela tomou contato com os Arautos do Evangelho no ano de 2012, de maneira um tanto quanto incomum: por ocasião do funeral de uma amiga que tinha parentes na instituição.

"A primeira vez que vi o hábito, fiquei bastante impressionada. Recebi o convite para estar na Missa de sétimo dia na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, a igreja dos Arautos em Caieiras. Assim que cheguei, senti um desejo enorme de me confessar. Foi uma excelente Confissão, experiência que levarei comigo para



sempre. Os anos se passaram e aquilo ficou gravado na minha memória. No dia 21 de novembro de 2020 soubemos que o coro dos Arautos estaria na igreja matriz de minha cidade, Nazaré Paulista. Nesse mesmo dia, eu soube que estava grávida do João, nosso segundo filho”.

Da. Andresa e seu esposo, Sr. Tiago, assistiram à apresentação do coral dos Arautos e nessa oportunidade foram convidados a fazer uma visita à casa da instituição. Surgiu daí uma amizade tão profunda que ela convidou um irmão arauto a ser padrinho de Batismo de seu filho nascituro. O casal tomou então conhecimento da devoção a Dona Lucilia e passou a pedir a intercessão dela.

“Meu nome é Luci”

Não tardou a surgir uma ocasião propícia para Dona Lucilia manifestar que tinha tomado sob sua proteção o casal e o bebê. Narra Da. Andresa:

“No dia 21 de junho de 2021, tive um descolamento de placenta e fomos às pressas para o hospital. Entramos em contato por celular com um sacerdote arauto e, apesar do horário tardio, ele prontamente nos atendeu, enviando bênçãos e acompanhando todo o processo. No percurso de Nazaré Paulista até São José dos Campos, fui rezando o Rosário e pedindo a companhia e a intercessão de Dona Lucilia, implorando que ela estivesse comigo naquele momento tão delicado.

“O médico me encaminhou para uma cesariana de urgência, alertando-me que o bebê e eu poderíamos vir a óbito devido ao tempo sem oxigênio – duas horas – e pelo grau da infecção; ou que a criança teria algum tipo de sequela para o resto da vida. Foram necessárias sete anestesias raquidianas, tamanho foi meu abalo emocional. Nessa situação,

passei o olhar no crachá da enfermeira que estava ao meu lado esquerdo e li o nome: Luci. Então perguntei: ‘Como é seu nome?’ Ela respondeu, sorrindo serena: ‘Sou Luci e vou te



Reprodução

Dona Lucilia em maio de 1941

Na sociedade materialista de nossos dias custa-nos crer que o mundo sobrenatural está próximo de nós, ao alcance de nossas orações

acompanhar. Fica tranquila que dará tudo certo”.

A semelhança do nome da enfermeira com o de Dona Lucilia valeu para Da. Andresa como um sinal de

que esta bondosa mãe estava sobrenaturalmente ali, vencendo com ela as dificuldades, minorando os perigos e obtendo de Deus um desenlace feliz para a dramática situação em que se encontrava.

Narra ela: “Naquele momento algo me acalentou e senti como um farol aceso na escuridão. Meu filho nasceu super saudável, sem nenhuma sequela. Até hoje somos abordados por médicos, que insistem em dizer que não há explicação para o que houve com o João.

Devo a vida do meu filho a Dona Lucilia, porque graças a ela pudemos cantar no dia de seu Batismo: ‘De todos os temores, me livrou o Senhor Deus’ (Sl 33, 5)”.

Uma misteriosa acompanhante...

Na sociedade materialista em que vivemos, custa-nos muito crer no sobrenatural...

Como é difícil liberar-nos das máximas do mundo e acreditar que temos constantemente ao nosso lado o nosso Anjo da Guarda e os Santos de nossa devoção! Pois bem, eis, no relato abaixo, uma bela lição que Dona Lucilia quis dar a uma de suas filhas espirituais, Da. Taciane Peixoto Derossi, de Miracema (RJ).

“Costumo ir todos os meses a uma cidade que fica a setenta quilômetros daqui, para comprar um remédio para o meu pai. No dia 14 de setembro fui me confessar num local que fica na metade desse trajeto. No final, disse à minha irmã: ‘Como já fizemos a metade do trajeto, vamos aproveitar para ir logo até essa cidade e comprar o remédio; assim não precisaremos voltar na próxima semana’.

“Sempre que vamos lá, passamos também numa loja de utilidades para comprar algumas coisas. Naquele dia não foi diferente. Enquanto aguardava a minha irmã passar pela caixa, a atendente da caixa ao lado, que esta-

va desocupada, me chamou. Então eu lhe disse:

— Não vou fazer compras, estou apenas acompanhando minha irmã.

— Preciso falar com você – replicou ela.

Então me aproximei e ela me disse:

— Olha, você esteve aqui uma vez com uma senhora, e essa senhora, sem saber o que se passava comigo, olhou para mim e disse: ‘Não se preocupe, já deu tudo certo, Deus está na direção’.

“Contou-me então a moça da caixa que naquele dia ela tinha feito uma oração pela manhã; estando preocupada com uma situação angustiante, pediu a Deus a solução de seu problema. Então, quando essa senhora lhe disse isso, transmitiu-lhe muita certeza de que o problema se resolveria”.

A solução do enigma

Da. Taciane, porém, não tinha lembrança do fato mencionado pela atendente, tanto mais que ela frequentava a loja sempre em companhia de sua irmã, e não de “uma senhora”. Certa de que a funcionária se equivocava, perguntou-lhe:

— Mas, olha, tem certeza de que sou eu?

— Tenho certeza! Eu lhe vejo aqui na loja todo mês.

— Olhe bem, veja se sou eu mesma! – insistiu Da. Taciane.

— Sim. Você estava com uma senhora, uma senhora de cabelos brancos.

— E como essa senhora estava vestida?

— Ela estava vestida do jeito que você se veste. Parecida como você está vestida agora.

Da. Taciane então tirou da bolsa uma foto de Dona Lucilia e a entregou à atendente, dizendo:

— Veja se é esta senhora.

— É! Esta é a senhora que falou comigo! E quando che-

guei em casa naquela noite, meu problema já estava praticamente resolvido! Eu estava esperando que baixasse o valor do aluguel de uma casa que queria alugar, mas não podia, porque o preço era muito alto. O preço bai-xou inexplicavelmente, e eu consegui alugar a casa! Esta senhora é sua parente?

Da. Taciane deu uma rápida expli-cação sobre Dona Lucilia e perguntou à funcionária:

— Você é católica?

Da. Taciane teve uma confirmação da presença de Dona Lucilia ao seu lado, disposta a ajudar as pessoas que não a conheciam

— Não, sou evangélica. Nunca fui a uma igreja católica, mas gostaria de ir.

Assim, de modo inesperado, Da. Taciane teve uma confirmação patente da presença de Dona Lucilia ao seu lado, disposta a ajudar até mesmo as pessoas que nem sequer tinham ouvido falar dela.

Assistência contínua

Quantos de nós, que conhecemos Dona Lucilia e confiamos em sua intercessão, temos presente que pode-mos recorrer a esta bondosa mãe em qualquer momento, fazendo de nosso convívio com ela uma oração? Quan-to lucraríamos se confiássemos mais em sua proteção, se fôssemos tão filhos dela, como ela é mãe daqueles que a invocam!

Da. Taciane termina seu relato com uma frase da funcionária, que a marcou profundamente: “Todas as vezes que você vem aqui na loja eu me lembro daquela senhora que estava com você”. Sem o saber, ela se tornou para aquela atendente motivo de re-cordação da graça alcançada e, quiçá, um meio de avivar sua fé e sua confiança na Provi-dência. Mas não só, esta graça obteve para Da. Taciane um precioso fruto espiritual:

“Eu acredito que Dona Lu-cilia tenha se usado desse fato para aumentar a minha con-fiança mais do que a daquela mulher. Dona Lucilia estava mesmo comigo, e de certa for-ma, quando o fato é muito pró-ximo, parece que adquirimos uma visão diferente das coi-sas, fica mais claro como nós temos essa assistência dela, contínua”.

Que a leitura destas linhas anime todos os devotos de Dona Lucilia a confiarem mais no mundo sobrenatural, certos de que, para tal, ela estará sem-pre nos auxiliando! ♣



Da. Taciane Derossi junto a um quadro de Dona Lucilia

Reprodução

Louvores ao Deus Menino

Unindo-se às vozes dos Anjos que entoaram “Glória a Deus no mais alto dos Céus e na terra paz aos homens por Ele amados” (Lc 2, 14), os Arautos do Evangelho realizaram diversos concertos natalinos para louvar o Menino Jesus.

As melodias se fizeram ouvir em Paris, na França; em Madrid e Toledo, na Espanha; em Lisboa, Porto, Braga, Guimaraes, Évora, Coimbra e Viseu, em Portugal; em Medellín, To-

cancipá, El Retiro e Alejandría, na Colômbia; em Asunción, Encarnación, Caacupé, Villarica, Luque, Hernandarias, Benjamín Aceval, Paraguarí e Capiatá, no Paraguai; no Equador, Guatemala, Costa Rica, El Salvador e Moçambique.

No Brasil, o Divino Infante espargiu suas bênçãos em Cotia, Mairiporã e São Carlos, em São Paulo; em Piraquara e Maringá, no Paraná; bem como em Campo Grande, Cuiabá, Montes Claros (MG) e Joinville (SC).



França



Asunción



El Salvador



Cotia (SP)



Toledo (Espanha)



Nuno Moura



Porto (Portugal)



Montes Claros (MG)



Guatemala



Campo Grande



Joinville (SC)



Monica Cruz





1



2



3



4



5

Estados Unidos – Cresce cada vez mais no país o número daqueles que se consagraram como escravos de amor à Santíssima Virgem, por meio do curso oferecido gratuitamente pela Plataforma de Formação Católica Reconquista. E, para grande alegria desses filhos de Maria, entre os dias 14 e 19 de dezembro foram realizados diversos encontros de consagrados com a presença do Pe. Manuel Rodríguez, EP. Na Flórida, as cerimônias ocorreram na Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe (fotos 2 e 4) e na Igreja do Bom Pastor (foto 5), em Miami; na Igreja de São Pedro, em Júpiter; e na Igreja de Santa Inês, em Key Biscayne (foto 3). Na Califórnia, a programação transcorreu na Catedral de Cristo, em Garden Grove (foto 1).



1



2



3

Equador – No dia 8 de dezembro, os Arautos do Evangelho participaram da procissão em honra à Imaculada Conceição, padroeira da Catedral de Cuenca (foto 1). Por ocasião das festividades do Natal, membros da instituição celebraram e animaram a Missa para crianças com deficiência organizada pelo Departamento de Ação Social de Cuenca (foto 2), e a Missa para as crianças da localidade de Tutupali Grande (foto 3).

Ronny Fischer



1



2



3

Fotos: Deivid Luma

México – Nos dias 18 e 26 de novembro, mais devotos da Santíssima Virgem se consagraram a Ela como escravos de amor, segundo o método de São Luís Maria Grignion de Montfort, na Paróquia Maria Rainha, em Puebla (fotos 1 e 2), e na Paróquia São Pedro e São Paulo, em Veracruz (foto 3).



1



2



3

DEPPEN-PR



4



5

Maria Clara Silvino

Natal com os que sofrem – A fim de levar a todos as alegrias do Natal, no mês de dezembro os Arautos do Evangelho promoveram diversas atividades em favor daqueles que se encontram mais necessitados das graças do Menino Jesus. Nas fotos acima, concerto natalino e visita aos enfermos no Hospital Central (foto 1) e Ingavi (foto 2) do Instituto de Previdência Social de Asunción, Paraguai; concerto na Penitenciária Estadual de Maringá, no Paraná (foto 3); visita com a Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria à cidade valenciana de Paiporta, Espanha, região mais afetada pela tempestade Dana (foto 4); e concerto natalino, com entrega de cestas básicas e presentes na Fundação Ajude-nos a Viver, em Quito, Equador (foto 5).



Os verdadeiros conquistadores

Pedro Álvares Cabral consta nos livros de História como o descobridor do Brasil. Mas, uma vez encontradas estas terras, quem teve a missão de conquistá-las?



Gabriel Lopes dos Anjos Silva ☰

Vinte e nove de março de 1549. Quase cinquenta anos depois do seu descobrimento, aportam na Terra de Santa Cruz para colonizá-la cerca de mil homens da armada lusitana. Em meio a esse exército, seis figuras discretas revestidas de negro, armadas somente com a virtude e o engenho, desembarcam com um objetivo muito mais ousado: conquistar aquelas vastidões para Deus.

Após enfrentarem os mares por oito semanas, aqueles inconfundíveis filhos espirituais de Santo Inácio de Loyola transbordavam de entusiasmo ao aplicar para si as palavras do Evangelho: “Ide, pois, e ensinai a todas as nações; batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28, 19).

Sob as recomendações do próprio rei de Portugal, Dom João III, a primeira missão jesuítica chegava ao Brasil. Os nomes de seus membros, a História os recorda com brio: Pe. Manuel da Nóbrega – o superior –, juntamente com os padres Antônio Pires, Leonardo Nunes e João Navarro, e os irmãos Diogo Jácome e Vicente Rodrigues.

Na chegada, um choque

A meta dos missionários era clara: converter os gentios à Fé cristã. Mas qual não foi sua surpresa ao desembarcarem e se separarem com um cenário inesperado. O choque, podemos imaginá-lo pelas palavras dos próprios missionários.

O Pe. Nóbrega descreve um clero negligente, que tinha “mais ofício de demônios que de clérigos”,¹ ensinando publicamente uma doutrina contrária à da Igreja.

Quanto aos nativos, assim se expressou um dos missionários: “Quando eles estão assim bêbados ficam tão brutos e feros que não perdoam a nenhuma pessoa, e, quando não podem mais, põem fogo na casa onde estão os estrangeiros”.² E o Pe. Nóbrega narra costumes ainda piores: “Quando cativam algum [...] põem-no a cevar como porco, até que o hão de matar; para o que se ajuntam todos os da aldeia para ver a festa. [...] E, morto, cortam-lhe logo o dedo polegar, porque com ele atirava suas flechas, e o demais fazem em pedaços, para comê-lo assado ou cozido”.³

Contudo, os jesuítas não recuaram. Fazendo jus a seu título de com-



panhia, lançaram-se ao apostolado como um exército em ordem de batalha.

As táticas da conquista

Bom estrategista que era, o líder do destacamento cedo elaborou suas táticas: organizando os poucos operários à disposição para a colheita da grande messe, fez com que os seis se espalhassem de norte a sul pelo território da coroa portuguesa. Com sede de almas, embrenhavam-se mata adentro, por mais obscura que fosse, adotando o seguinte procedimento: ao tomarem contato com tribos novas, passavam primeiro alguns dias entre elas sem mencionar temas religiosos. Depois de ganhar a confiança dos líderes, iniciavam a pregação, habitualmente à noite, quando todos voltavam à aldeia.

O que mais surpreendia é que proferiam suas admoestações na própria língua local, o tupi, cujo domínio os jesuítas rapidamente adquiriram. O Pe. Navarro em poucos meses já era capaz de ouvir Confissões sem intérprete, além de haver produzido um primeiro esboço de gramática, que

seria aproveitado pelo Pe. Anchieta para confeccionar a sua própria.

Outra técnica que logo aprenderam foi a de usar a música para a evangelização. Em uma carta da época relata-se que os nativos se maravilhavam ao escutar o cântico sacro,⁴ fato que logo motivou o Pe. Nóbrega a utilizá-lo frequentemente nas procissões e Missas, aproveitando inclusive melodias indígenas, para as quais preparava uma letra com pontos da doutrina católica. Nas florestas brasileiras, tornou-se marca registrada os cortejos com a cruz à frente e um coral de meninos a cantar a nova religião.

Entretanto, o trunfo do apostolado consistia em convencer os pais a deixarem seus filhos estudarem com os jesuítas. Os colégios, construídos pelos próprios sacerdotes, cedo se multiplicaram pela colônia. Almejavam eles que, com a educação religiosa ministrada, as crianças dessem o bom exemplo do Cristianismo para os mais velhos e, em pouco tempo, a tribo inteira se convertesse.

O plano foi deveras eficaz. Por todo lado onde passavam, os testemunhos de vida e a pregação dos inacianos – até a do Pe. Nóbrega, que era tartamudo – tornavam-se fonte de graças arrebatadoras!

Opressores?

Mas a atuação dos jesuítas não se limitava ao cuidado espiritual. Desde que chegaram a estas terras, combateram ferozmente a escravatura indígena, já frequente entre os colonos. Mesmo angariando o ódio generalizado contra si, representaram com firmeza a voz da Igreja em favor da liberdade humana, e o cativeiro dos autóctones foi sendo, a duras penas, extirpado.

Além do mais, com as epidemias que acabaram surgindo na colonização – como a de 1562, que matou mais de trinta mil aborígenes – os próprios padres tornaram-se médi-

cos. Com profundo conhecimento do emprego de ervas para a Medicina, eles passaram a curar não só as almas, mas também os corpos dos índios.

A presença dos jesuítas entre os gentios assemelhava-se à dos primeiros Apóstolos. Embora não agradasse a todos – recordemos a acerba perseguição que Pombal infligiria no século XVIII –, como se tratava de uma obra divina ninguém conseguiu destruí-la (cf. At 5, 38-39).

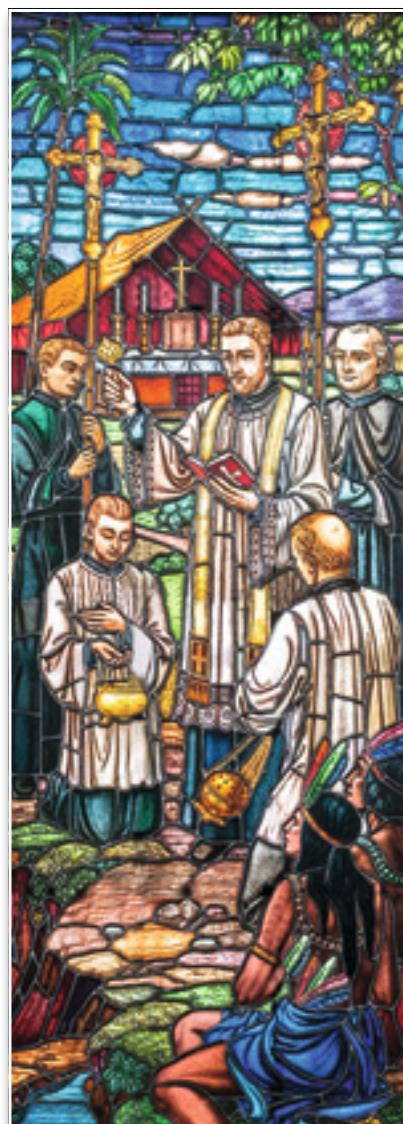
Pelos frutos, conhecereis a árvore

Com o passar dos anos e a preço de muitos sacrifícios, o número de missionários só crescia, tanto pelo ingresso de nativos quanto daqueles que acorriam da Europa para tão nobre missão. Já em 1553, chegaria à Terra de Santa Cruz o inesquecível São José de Anchieta.

A História do Brasil passou a se confundir facilmente com a da Companhia. E não era para menos; suas conquistas foram marcantes. Edificaram eles colégios em oito cidades só no início da empresa. As igrejas mais antigas os têm como propulsores. Muitas das atuais metrópoles brasileiras, como o Rio de Janeiro e Salvador, nunca teriam prosperado se não fosse a contribuição destes mesmos heróis; São Paulo só se ergueu graças

ao sonho do Pe. Nóbrega de edificar um posto avançado para a educação dos nativos. Por fim, parece certo que o Brasil não teria chegado a ser uma potência cristã, se não contasse com a audácia desses autênticos conquistadores da Fé.

Não sem razão, espanta ouvir em certos ambientes acatólicos os jesuítas desta época serem tachados de “opressores”, “proveitadores” ou “imperialistas”. Contra as mentiras, haverá melhor réplica do que os próprios fatos? A História nos prova como a atividade dos “batinas pretas”, longe de ser objeto de vergonha, representa na verdade



A História do Brasil facilmente se confunde com a da Companhia de Jesus, por suas marcantes conquistas no campo social e religioso

Fundação de São Paulo pelo Pe. Manuel da Nóbrega - Igreja São Luís Gonzaga, São Paulo

SÃO JOSÉ DE ANCHIETA, APÓSTOLO DO BRASIL

Seu vulto se ergue nas cabeceiras de nossa História, presidindo à formação da nacionalidade com seu vigor de herói e com sua virtude de santo.

As figuras congêneres, que vemos na nascente de um grande número de nações famosas, brilham, em geral, num ardor agressivo de heróis selvagens e implacáveis, conquistando a celebridade ora em guerras justas, ora em inqualificáveis rapinas.

Sua existência é discutida, e suas grandezas são fantasias tecidas pelo orgulho nacionalista, que se dissipam inteiramente pelo estudo imparcial da História. E isto desde Rômulo até Guilherme Tell.

Anchieta, pelo contrário, entrou para a História em um carro de triunfo que não era puxado por prisioneiros e vencidos, nem a dor figurou no seu cortejo, nem os hinos de guerra celebraram seu triunfo, nem as armaduras foram seu paramento.

Serviu-lhe de traje a túnica branca de sua inocência imaculada. Constituía-lhe o cortejo pacífico uma raça que arrancara da vida selvagem e defendera contra o cativéiro, e uma nação inteira, que ajudara a construir para a maior glória de Deus, abrandando o rancor dos

homens e das feras, na realização da promessa evangélica: bem-aventurados os mansos, que possuirão a terra (cf. Mt 5, 5).

Mas eu disse mal [...] quando afirmei que a dor não figurara no seu cortejo triunfal: era ela o nimbo que o aureolava. Era a dor cristã do pelicano, que enche de amargura o mártir e o Santo, mas banha em suavidade quantos dele se acercam.

Ele passara sua vida a distribuir rosas... e os espinhos, guardara-os para si, nas labutas do apostolado.

Em Anchieta, *vas electionis*,⁵ brotara uma flor de virtude, e esta flor, ele a semeou por todo o Brasil: é a mansidão suave ligada à energia serena mas inexorável, que é o eixo de nossa alma.

CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio.
Discurso na Assembleia Nacional Constituinte, 19/3/1934.
In: *Opera Omnia*. São Paulo: Retornarei, 2008, v.II, p.62-63



São José de Anchieta -
Colégio São Luís, São Paulo

um facho de luz a iluminar o período dos descobrimentos, não só no Brasil, mas em todas as ex-colônias do mundo.

Enfim, pedir perdão pelos crimes de terceiros não é novidade de nossos contemporâneos; Jesus Cristo já o fez há muito tempo (cf. Lc 23, 34). Por que,

então, não formalizar aqui, em nome de seus detratores, um pedido de perdão a esses heróis que outrora regaram nosso solo com o próprio sangue? ♦

¹ NÓBREGA, Manuel da. Carta ao Pe. Simão Rodrigues, 11/8/1551. In: MOURA HUE, Sheila (Ed.). *Primeiras cartas do Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p.67. Digna de menção é a novidade que o sistema de correio jesuítico representou para a época. Os missionários dos mais diversos lu-

gares do mundo deviam escrever cartas de tempos em tempos, e estas eram rapidamente copiadas para ser compartilhadas com os demais membros da Companhia em todos os extremos do orbe, fazendo com que cada um soubesse das atividades dos demais, mesmo em regiões distantes como o Brasil, a

Índia ou o Japão. O engenhoso método contribuía enormemente para a coesão da Ordem e sua união com a cabeça, Santo Inácio, que estava em Roma.

² AZPILCUETA NAVARRO, João de. Carta aos irmãos da Companhia de Jesus de Coimbra, agosto de 1551. In: MOURA HUE, op. cit., p.78-79.

³ NÓBREGA, Manuel da. Carta aos padres e irmãos da Companhia de Jesus em Coimbra, agosto de 1549. In: MOURA HUE, op. cit., p.38.

⁴ Cf. CORREIA, Pero. Carta a um padre do Brasil, 1554. In: MOURA HUE, op. cit., p.104.

⁵ Do latim: vaso de eleição (cf. At 9, 15).

...por que se cobre o cálice da Missa com um véu?

No início do Ofertório da Missa, o acólito entrega ao sacerdote ou diácono o cálice e a patena cobertos por um pequeno véu da cor correspondente ao dia litúrgico, cuidando para que os vasos sagrados permaneçam ocultos à assembleia. Em seguida, o cálice é depositado sobre o altar e o tecido retirado.

A Igreja sempre teve o máximo cuidado ao escolher e ordenar os ritos litúrgicos, de tal modo que eles expressem com clareza as realidades santas que significam. E assim acontece com o gesto de cobrir com um tecido fino o cálice e a patena na Santa Missa. Embora atualmente não seja obrigatório, esse costume cheio de reverência e veneração é louvado pela Igreja (cf. *Instituição*

geral do Missal Romano, n.118) pois, além de se tratar de uma tradição antiquíssima, ele encerra um extraordinário simbolismo.

A Eucaristia é o tesouro preciosíssimo da Santa Igreja, no qual estão

contidas as mais sublimes realidades sobrenaturais, embora veladas aos nossos sentidos. Com efeito, sob as aparências do pão e do vinho – cujos acidentes permanecem, mas cuja substância se retira com as palavras da Consagração – está o próprio Nosso Senhor Jesus Cristo, em Corpo, Sangue, Alma e Divindade. E o tecido que cobre o cálice simboliza este mistério altíssimo e inefável, que é propriamente o *mistério da Fé*.

Por sua vez, o gesto de retirar o véu significa que esse mistério, longe de nos atemorizar e diminuir a intimidade com Deus, é o meio por Ele escolhido para Se revelar a nós pela fé, nos aproximar e nos fazer conhecer seus segredos. ♫



Ofertório da Missa na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, Caiãeiras (SP)

Arquivo Revista

...que os sinos das igrejas são abençoados?

Quantas vezes entramos numa igreja, capela ou oratório ao ressoar de um grave e profundo toque de sino indicando o início da Santa Missa ou outra cerimônia religiosa. Mas você sabia que os sinos são abençoados e alguns até possuem nome?

Os primeiros ritos de bênção dos sinos destinados ao culto remontam ao século VII, apresentando então um ceremonial próprio em cada diocese. No Pontifical Romano esse rito, reservado aos Bispos, se revestia de grande solenidade. A recitação de sete Salmos precedia a bênção da água, com a qual o sino era lavado por dentro e por fora – donde o costume de chamar de “batismo” a bênção dos sinos – e, em seguida, ungido com o óleo santo e incensado. O rito, entremeado de longas

orações, se encerrava com a leitura do Evangelho que relata a visita de Jesus à casa de Marta e Maria, para frisar que a finalidade dos sinos é lembrar aos fiéis de procurarem o único necessário (cf. Lc 10, 38-42).

Em Paris essa bênção comportava aspectos diversos, entre os quais o fato de o sino ter um “padrinho” e uma “madrinha”, os quais lhe davam um nome, em geral alguma invocação da Santíssima Virgem ou dos Santos.

A bênção dos sinos usados no serviço divino era obrigatória e devia se dar antes de eles serem alçados no campanário. A partir de então se proibia empregá-los para fim profanos, exceto no caso de calamidades públicas.

O rito atual da bênção do sino é mais simples e pode ser presidido por um sacerdote. ♫



Miguel H. Cuesta (CC by-sa 3.0)

La Giralda - Catedral de Sevilha (Espanha)

Duas formas de “ser deus”?

Um mata; o Outro vivifica. Um, para dar, exige nosso sangue; o Outro nos deu seu próprio Sangue. Atrás de um, a fumaça negra; atrás de Outro, um Céu de luzes.

⇒ Angelo Francisco Neto Martins



Esas duas obras artísticas, cada uma representando um deus diferente, conforme concebido por seus respectivos adoradores. A primeira retrata o deus Moloc, no auge de seu ritual próprio. A segunda é uma imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo, que preside o pórtico da Catedral de Amiens, na França. O contraste se presta a algumas reflexões.

O deus Moloc

A primeira cena é quase sonora. Mal se percebe o crepitar do fogo, alto e constantemente alimentado, tão submerso ele está no ruído que o circunda. Os timbaleiros golpeiam seus instrumentos com toda a força dos braços e da ebriedade que experimentam neste supremo momento ritual. As trombetas estrondeiam ao ritmo sempre mais frenético da percussão. Um homem em pé e de braços abertos, desempenhando um ofício pretensamente sacerdotal, parece competir, pelas preces clamorosas,

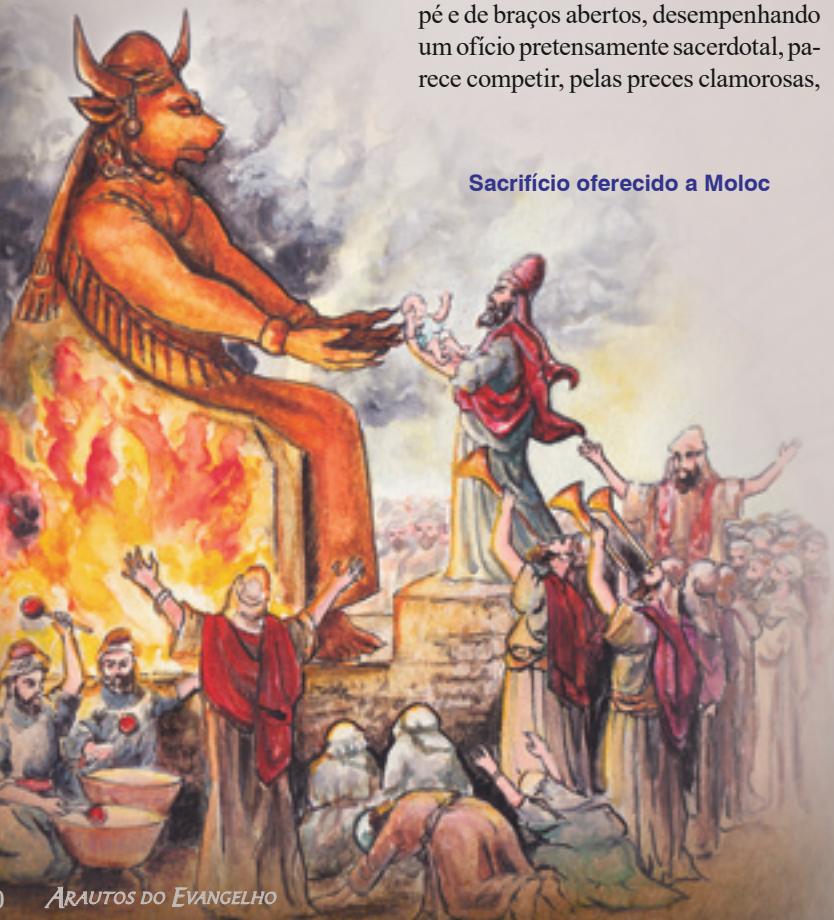
com o estrépito que o cerca. Outros repetem e tornam a repetir, ajoelhados, as suas contorcidas vénias. Uma multidão amorfa assiste ao ceremonial.

Dominando a cena, Moloc: imenso, sólido, severo, bruto. O olhar, que jamais se digna baixar aos que o adoram, torna-se mais frio com o fogo ateado sob a imagem de bronze. Sim, mais terrivelmente gelado... Eis o Moloc dos fenícios e cartagineses, o deus poderoso que – segundo sua crença – os tornava vencedores diante de todos os exércitos, lhes garantia a chuva, a colheita, o comércio; o deus que lhes dava tudo... com uma terrível condição. E é para preencher-la que seus adoradores realizam este rito.¹

Aquele homem, diante da divindade, eleva nos braços um menino: o mais precioso dom da nação, tenro filho da mais alta aristocracia, o futuro do povo, uma promessa que começava a se cumprir. Para que o eleva? Para ser lançado aos braços incandescentes do ídolo e, ali, morrer queimado vivo pelas chamas que vivificam o deus morto. No fatídico momento, o ápice do culto, toda a cacofonia recrudesce em intensidade e delírio para abafar os gritos do inocente condenado.

O ídolo fervente desdenha, frio e implacável, o sangue que o cobre.

Eis, esboçado, um típico culto a Moloc. Ou, por outra, um típico culto da Antiguidade. De fato, esse Moloc era chamado de Mot em Canaã, de Hadad na Síria, de Adad-milki na Mesopotâmia, de Milcom em Amon, de Baal em



outras partes... como em Israel, onde “ergueram altares a Baal [...], para aí queimarem os filhos e as filhas em honra de Moloc” (Jer 32, 35).

Os filhos serviam nestes rituais macabros como uma espécie de moeda, uma mercadoria de câmbio com o deus: eram oferecidos em troca de paz, vitória, prazer, dinheiro, comodidades...

Abominação inominável!

O “Beau Dieu” de Amiens

Quanto contraste com a segunda imagem!...

Na fisionomia – solene, majestosa, grave – brilha uma tal docura, por trás da escultura, que até a pedra acaricia. O olhar imóvel é firme, meigo e vivo. A postura é régia, com naturalidade. O manto dobra e desdobra suas pregas tão belamente que ofusca as ondas do mar. A mão esquerda, serena e distendida, segura o Livro da Vida. Seus cabelos estão numa ordem que envergonharia exércitos em parada, e numa simplicidade que deixa pasma a natureza.

Sem nos darmos conta, estamos de joelhos: tal é a majestade! Quando menos esperamos, nos levantamos para abraçá-Lo: tal é a bondade!

Ele reúne em Si contrários harmônicos que só uma alma de descomunal envergadura pode conter: é um Pai indizivelmente grande e, ao mesmo tempo, um Rei inexprimivelmente doce e acessível. Ele resume e sublima em Si os dois aspectos da grandeza: a superioridade e a dadivosidade.

É bem a antítese do monstro de bronze e fogo que estende as mãos para consumir suas juveníssimas vítimas, e cujo focinho canino parece insaciável daqueles coraçõesinhos que quase não palpitaram. O *Beau Dieu* de Amiens, pelo contrário, eleva sua destra para acolher os pequenos, abençoá-los e protegê-los. Digna representação d'Aquele que disse: “Deixai vir a Mim estas criancinhas e não as impeçais, porque o Reino dos Céus é para aqueles que se lhes assemelham” (Mt 19, 14).

Entre os dois senhores

Um mata; o Outro vivifica. Um, para dar, exige sangue inocente; o Outro, Inocente, nos deu seu próprio Sangue. Atrás de um, a fumaça negra dos bens terrenos e efêmeros que se evolam; atrás de Outro, um Céu perene de luzes nos espera.

São os dois senhores que disputaram, outrora, o império das almas. Até a Terra Santa tornou-se palco de batalha: muitos esperavam o Messias, enquanto outros “imolaram os seus filhos e suas filhas aos demônios” (Sl 105, 37). Mais tarde – ó dor! –, até o Filho de Deus eles sacrificariam.

São os dois senhores que disputam, agora, o império das almas. Moloc tira a aqueles que, para satisfazer suas conveniências, diversões e caprichos, estão dispostos a sacrificar tudo, menos seu prazer e egoísmo. Jesus Cristo, pelo contrário, reina amorosamente sobre os inocentes que têm a coragem de O admirar neste mundo todo feito de idolatria do gozo, avesso, e até intolerante, aos ensinamentos evangélicos.

Assim, não se trata apenas de senhores diferentes: são eles incompatíveis e mutuamente excludentes, e foi o próprio Jesus Cristo quem o afirmou diversas vezes (cf. Mt 6, 24; Lc 11, 23). Só a um terás de servir. E qual escolherás? ♣

¹ Cf. WAGNER, Carlos González. Moloc. In: ROPERO BERZOSA, Alfonso (Ed.). *Gran diccionario enciclopédico de la Biblia*. 7.ed. Barcelona: Clie, 2021, p.1725-1727.

“Beau Dieu” - Catedral de Notre-Dame d'Amiens (França)



Apostolado da dor

A missão de Jacinta nos revela a necessidade de vítimas expiatórias que contribuíssem com a sua dor e o sacrifício de sua vida para que as palavras de Nossa Senhora encontrassem terreno fértil nos corações dos homens.

Compreende-se, pois, como esse apostolado do sofrimento é verdadeiramente insubstituível, e como abre os caminhos para a Igreja. Todas as grandes obras de Deus, máxime as que tratam da salvação das almas, em geral se fazem com a participação de outras almas que lutaram, sofreram e rezaram para que essas obras de fato se realizassem.

Plínio Corrêa de Oliveira

